



ANO 6 - NÚMERO 66 - ABRIL 2020

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15



**EM TEMPOS DE PANDEMIA,
SOLIDARIEDADE É VIDA**
p. 08

AMAZÔNIA

O trem parou
no Pará
p. 19

CONSCIÊNCIA NEGRA

Pela eliminação da
discriminação racial
p. 23

UNIVERSO FEMININO

Lilith: a feminista
primeira...
p. 48



ACAIXAÉTODASUA

Como banco público, a Caixa está à frente das principais ações para conter a crise econômica e amenizar suas consequências para a população brasileira que mais necessita.

**Não vamos deixar
que nenhuma área
da Caixa seja
vendida**

Não podemos
enfraquecer o
banco de todos
os brasileiros

ACAIXAETODASUA.COM.BR

COMITÊ NACIONAL
EM DEFESA DA CAIXA

“ **Sigo o andar da procissão
Dos que choram em silêncio
As dores do mundo e clamam
Pela luz do amor, sem artifício!** ”

Maria Félix Fontele

COLABORADORES/AS - ABRIL

Ailton Krenak – Líder Indígena. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Bia de Lima** – Professora. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Sader** – Sociólogo. **Glória Moura** – Historiadora. **Henda** – Escritora. **Iêda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Lúcio Flávio Pinto** – Jornalista. **Leonardo Boff** – Escritor. **Kleyton Moraes** – Líder Sindical. **Loike Kalapalo** – Líder Indígena. **Mabel Velloso** – Escritora. **Maria Félix Fontele** – Jornalista. **Renê Kithãulu** – Professor Indígena. **Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno** – Escritor. **Rosilene Corrêa Lima** – Professora. **Zeze Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. Emir Sader – Sociólogo |
| 2. Zeze Weiss – Jornalista | 8. Graça Fleury – Educadora |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. Elson Martins – Jornalista | 12. Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zeze Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zeze Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

A crise do coronavírus, em forma de pandemia, pegou o mundo de surpresa e fez surgirem diante de nossos olhos algumas verdades. A Humanidade, toda poderosa, ficou perplexa diante do desconhecido e sentiu o peso de sua fragilidade. A vida no Planeta Terra passou a ter um único assunto, nesta fase.

Este é, de igual modo, o tema da matéria de Capa desta edição de Xapuri, mas seguindo um enfoque diferente, de um dos efeitos positivos da tragédia, digamos assim. E nós fomos atrás de um sentimento belo, de doação, que busca deixar os outros felizes e que se chama solidariedade.

É bem verdade que a revista que começamos a folhear mantém a tradição e traz diversos outros assuntos, que chamam atenção pelo conteúdo e pela apresentação, sempre primorosos. O trem de Carajás, com passageiros, ficou parado na fronteira com o Maranhão, por decisão do governo do Pará, que não quer gente circulando.

Novas ações do Movimento Negro Unificado (MNU) clamam pelo fim da discriminação racial. Nas cidades, os cuidados que devemos ter com as águas urbanas, que nós consumimos em nossas residências. E, ainda, o calendário Kalapalo de 2020 e um perfil de Jair Pedro Ferreira, com mais gestos de solidariedade.

Isso tudo e ainda mais, enquanto aguardamos que o vírus desapareça e o mundo volte ao normal.

Boa leitura!

Zeze Weiss e Jaime Sautchuk
Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Minha mãe gostou tanto da Revista que fez uma assinatura pra ela.

Flávia Lara, Brasília – DF.

A vida se resume em doação, solidariedade e amor. O artigo “O homem vai aos poucos aprender com o seu sofrimento”, do padre Joacir D’Abadia, publicado no site da Revista Xapuri, é muito bom. Parabéns!

João Bosco, Sorocaba – SP.

Muita linda essa matéria sobre Belágua, me deu muita saudade do meu Maranhão. Que trabalho lindo esse do Movimento Solidário!

**Luiza Helena Costa, maranhense,
radicada em Brasília – DF.**

ERRATA: Na edição anterior, março/2020, na página 39, no título, a palavra “antigamente” foi grafada erradamente (antigamente). Apresentamos nossas escusas.



08 CAPA
Em tempos de pandemia,
solidariedade é vida

19 AMAZÔNIA
O trem parou no Pará

15 BIODIVERSIDADE
“Mas assum preto, cego dos oio
num vendo a luz, ai, canta de dor”

20 CONJUNTURA
O Brasil só resiste se
derrubar Bolsonaro

16 PERFIL
Jair Pedro Ferreira:
um cidadão solidário

23 CONSCIÊNCIA NEGRA
Pela eliminação da
discriminação racial

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

24 CULTURA
O calendário indígena
Kalapalo

26 ECOTURISMO
Hunza: a terra da longa vida

28 FOLCLORE
O significado das flores

29 FORMOSA
Dejanira e Vespasiano:
exemplo de união, luta e superação

31 GASTRONOMIA
“O de comê tá na mesa”
receitas de arroz de Dona Canô

34 MEIO AMBIENTE
Pequena reflexão sobre a rede
hídrica urbana

36 MITOS E LENDAS
Iraka Yekayaira Iyaujausu:
a origem da mancha da Lua

40 HISTÓRIA SOCIAL
Quem segura um escravo
que sonha com a própria
liberdade?

45 SAGRADO INDÍGENA
Hora de parar de
vender o amanhã

46 SUSTENTABILIDADE
Coronavírus: autodefesa
da própria Terra

48 UNIVERSO FEMININO
Lilith: a feminista primeira...

Xapuri Loja Solidária

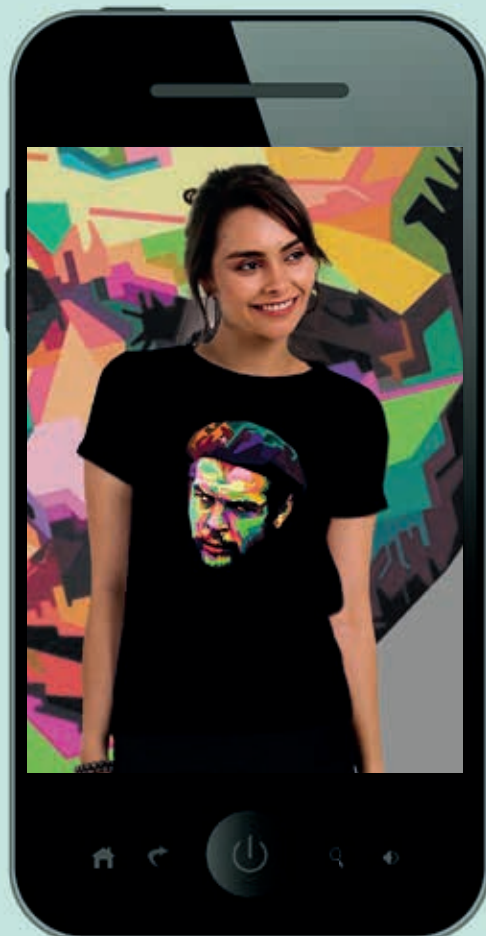
Imagem do mês

@xapuri_lojasolidaria

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



EM TEMPOS DE PANDEMIA, SOLIDARIEDADE É VIDA

Jaime Sautchuk

Pintura: Di Cavalcanti

O corvo simboliza a morte, mas outras aves competem com ele. Em seu filme “Os Pássaros” (1963), um clássico do cinema mundial, o cineasta inglês Alfred Hitchcock usa toda sua maestria no suspense pra demonstrar essa simbiose. Ao ver o avanço do novo coronavírus, me lembrei intensamente desse filme.

O cenário da película é a cidade de Bodega Bay, no estado da Califórnia, Estados Unidos. Os pássaros vão chegando aos poucos, de maneira sorrateira, mas volumosa, e vão tomando espaços, atacando as pessoas. Os moradores e visitantes buscam revidar do jeito que podem e fogem, fechando portas e janelas, buscando o isolamento, pra usar um termo de largo uso no momento.

No Planeta todo, há regiões e países isolados. Neles, há estados, municípios, comunidades, agrupamentos e famílias socialmente isoladas. O isolamento demonstrou ser o modo mais eficiente de conter o Coronavírus, essa praga que afeta toda a Humanidade, em muitos e muitos casos levando à morte, sem distinção de classes sociais ou locais de moradia. Ao vírus, a igualdade é plena.

No sábado, 28 de março, o número de casos de infecção rompeu a casa dos 600 mil, num salto assustador. No entanto, veio junto uma sensação de declínio, de início do fim, de alegria, portanto, mas sem nenhuma garantia de que aquilo de fato ocorreria. De todo jeito, naquele dia, o jornal O Globo abriu assim sua matéria sobre o assunto:

“Os casos do novo coronavírus se aproximam de 615 mil na manhã deste sábado, praticamente dobrando em uma semana: as infecções ultrapassaram a marca dos 300 mil há apenas oito dias, em 20 de março, segundo o levantamento da Universidade Johns Hopkins. O agravamento cada vez mais acelerado da pandemia é resultado do aumento exponencial de casos na Europa e nos Estados Unidos, que se tornou o país mais afetado pela doença na última quinta-

feira. Até o momento foram diagnosticados 614.884 casos e 28.687 mortes em 177 países e territórios. O número de pessoas curadas é 135.671.”

A progressão da doença é assustadora. Até a manhã de 13 de abril, data do fechamento desta edição, segundo a *Johns Hopkins University & Medicine* (coronavirus.jhu.edu), havia 1.860.011 casos confirmados e 114.983 mortes, em 185 países. Ou seja, de 28 de março a 13 de abril, os números mais que triplicaram, e nada aponta ainda para mudança desse ritmo no curso da pandemia.

AGILIDADE NO CONTROLE

Foi na República Popular da China que o vírus apareceu primeiro e foi lá mesmo que se desenvolveu mais rapidamente o método de sua contenção, com o isolamento inicial de uma província. Depois, foram sendo fechadas outras portas, todos os caminhos e possibilidades, de modo que o vírus foi controlado em poucas semanas.

A descoberta do vírus na província chinesa de Wuhan causou enorme susto no mundo inteiro. Afinal, trata-se de um país com 1,4 bilhão de habitantes – e dá pra imaginar o tamanho do estrago se, ali, o Covid-19, como o vírus foi batizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), fugisse do controle. Mas não fugiu, ao contrário, foi detido com rapidez exemplar.

Imediatamente, a China ofereceu apoio a outros países também assediados pelo Covid-19, rincipalmente na Europa, onde a Itália havia assumido o papel de maior vítima e a Espanha seguia logo atrás, falando de número de casos confirmados de infecção e de mortes.

Foram enviados especialistas e toneladas de respiradores, roupas, máscara de proteção e medicamentos para combater a pandemia em vários países ao redor do mundo, entre os quais Itália, Espanha e Irã. Depois do Fundo Monetário Internacional (FMI)



Foto: divulgação



Foto: divulgação / Nicolo Campo

negar financiamento para combater o coronavírus na Venezuela, a China imediatamente enviou ajuda financeira pra enfrentar a pandemia naquele país.

Foram numerosos, de igual modo, os apoios recebidos pela China, naquele primeiro momento, de fontes as mais diversas. Contudo, não houve tempo sequer de colocar em prática esses apoios, tal a rapidez com que os chineses agiram. As ações voluntárias nos locais de trabalho e de moradia, em conversas e atos em promoção do isolamento, foram de grande valia.

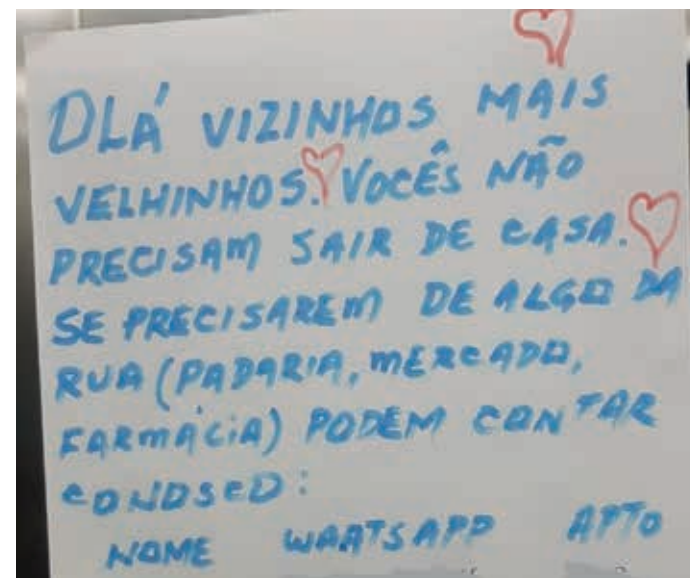
SOLIDARIEDADE

A solidariedade pode ser um ato individual, entre duas pessoas, parentes, amigos ou vizinhos ou uma ação coletiva, social, envolvendo número variável de seres humanos, de pequenos grupos a grandes coletividades. É um ato de bondade e compreensão com o próximo ou um sentimento, uma união de simpatias, interesses ou propósitos entre os membros de um grupo. A palavra teria origem francesa e significa responsabilidade mútua ou recíproca.

No Dicionário Houaiss, o verbete é classificado assim: substantivo feminino. 1. caráter, condição ou estado de solidário; 2. Rubrica: termo jurídico – compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas às outras e cada uma delas a todas; 3. sentimento de simpatia ou piedade pelos que sofrem; 4. manifestação desse sentimento, com o intuito de confortar ou ajudar – ex.: levou sua s. aos sobreviventes da tragédia; 5. cooperação ou assistência moral que se manifesta ou testemunha a alguém em certas circunstâncias – ex.: diante dos

atos, não hesitou em dar sua s. ao adversário; 6. estado ou condição de duas ou mais pessoas que dividem igualmente entre si as responsabilidades de uma ação ou de uma empresa ou negócio, respondendo todas por uma e cada uma por todas; interdependência; 7. identidade de sentimentos, de ideias, de doutrinas – ex.: s. partidária, s. de classe.

A solidariedade é, no fim das contas, um estilo de vida, que tem muitos efeitos sobre as sociedades humanas, em maior ou menor intensidade. Dela depende, por exemplo, a relação dos humanos com a natureza. Nas sociedades capitalistas, onde a propriedade privada e a competição se impõem, esse sentimento se enfraquece e, em muitos casos, deixa de existir com caráter coletivo.



Fotos: divulgação

Ao mesmo tempo, porém, há modos de vida que sobrevivem dando espaço a outros modelos. O Brasil ainda é berço do modo de vida indígena, profundamente solidário, em que a atividade econômica tem convívio harmônico com o meio ambiente. Esse modo é também adotado por comunidades não-indígenas da Amazônia, como as cooperativas extrativistas, por exemplo.

DURKHEIM

Esse estilo de vida tem sido alvo de incontáveis estudos e pesquisas científicas, especialmente nos dois últimos séculos. O filósofo francês Émile Durkheim, um dos criadores da Sociologia, se dedicou ao estudo da solidariedade e, na sua obra, aborda o caso dos índios do Brasil.

Ao se dedicar ao estudo da sociedade industrial do século XIX, Durkheim percebeu a importância de se compreender a organização social, isto é, compreender o que garantia a vida em sociedade e uma ligação (maior ou menor) entre os seres humanos.

Chegou à conclusão de que os laços que prenderiam os indivíduos uns aos outros, nas mais diferentes sociedades, seriam dados pela solidariedade social, sem a qual não haveria uma vida social, sendo esta solidariedade do tipo mecânico ou orgânico.

Na tarefa de compreendê-la, é preciso levar em consideração as ideias de consciência coletiva (ou comum) e de consciência individual, também estudadas por esse autor. Cada um de nós teria uma consciência própria (individual), com características peculiares e, por meio dela, tomaríamos nossas decisões e fariamos escolhas no cotidiano.

A consciência individual estaria ligada, de certo modo, à nossa personalidade. Mas a sociedade não seria composta pela soma de consciências individuais, mas, sim, pela presença de uma consciência coletiva (ou comum). A consciência individual sofreria a influência de uma consciência coletiva, que seria fruto da combinação das consciências individuais de todos os humanos ao mesmo tempo.

A consciência coletiva seria, então, responsável pela formação de nossos valores morais, de nossos sentimentos comuns, daquilo que temos como certo ou errado, honroso ou desonroso e, dessa forma, ela exerceria uma pressão externa, no momento de nossas escolhas, em maior ou menor grau.

Assim, podemos afirmar que, para Durkheim, a solidariedade social se daria pela consciência coletiva, pois essa seria responsável pela coesão (ligação) entre as pessoas. Contudo, a solidez, o tamanho ou a intensidade dessa consciência coletiva é que iria medir a ligação entre os indivíduos, variando segundo o modelo de organização social de cada sociedade.

POVOS INDÍGENAS

As comunidades indígenas do país, especialmente aquelas que vivem em reservas no Centro-Oeste e Amazônia, vivem à espera de balas desferidas por madeireiros, garimpeiros e ruralistas.

Agora, contudo, temem a chegada desse vírus letal. E, mesmo já isolados em suas aldeias, seguem as orientações do Ministério da Saúde e não saem de suas tabas, nem pras atividades tradicionais como coleta de alimentos.

De qualquer modo, nas sociedades de organização mais simples, como as deles, predominaria um tipo de solidariedade diferente daquela existente em sociedades mais complexas, uma vez que a consciência coletiva se daria também de forma diferente em cada situação. Basta uma simples comparação entre sociedades indígenas do interior do Brasil com sociedades industrializadas, como as das regiões metropolitanas das principais capitais.

O sentimento de pertencimento e de semelhança é muito maior entre os indígenas ao redor de um lago quando pescam do que entre os passageiros do metrô de São Paulo, ao irem para o trabalho



pela manhã. Dessa forma, segundo Durkheim, poderíamos perceber dois tipos de solidariedade social, uma do tipo mecânica e outra orgânica.

Numa sociedade de solidariedade mecânica, o indivíduo estaria ligado diretamente à sociedade, sendo que enquanto ser social prevaleceria em seu comportamento sempre aquilo que é mais considerável à consciência coletiva, e não necessariamente seu desejo enquanto indivíduo.

A solidariedade do tipo mecânica depende da extensão da vida social que a consciência coletiva (ou comum) alcança. Quanto mais forte a consciência coletiva, maior a intensidade da solidariedade mecânica. Aliás, para o indivíduo, seu desejo e sua vontade são o desejo e a vontade da coletividade do grupo, o que proporciona uma maior coesão e harmonia social.

Esse sentimento estaria na base do sentimento de pertencimento a uma nação, a uma religião, à tradição, à família, enfim, seria um tipo de sentimento que seria encontrado em todas as consciências daquele grupo. Assim, os indivíduos não teriam características que destacassem suas personalidades, como visto no exemplo da tribo indígena, por se tratar de uma organização social “mais simples”.

SEM IDEOLOGIAS

A verdadeira solidariedade está longe de posturas exclusivistas, personalistas e de natureza ideológica, como ficou claro nessa avassaladora crise por que passa a Humanidade. Qualquer que

seja o nível de sua manifestação, seja ele doméstico, caseiro, ou internacional, de largo alcance.

Os campos de refugiados de conflitos espalhados pelo mundo são apontados como áreas de possível proliferação do coronavírus e têm colocado governantes e lideranças políticas de sobreaviso. Mais uma vez, contudo, essa possibilidade não tem se confirmado. De todo jeito, na Síria, Grécia e outros países onde há campos de refugiados, diversas ações foram preparadas por ONGs e grupos de voluntários, visando reduzir a dor dessas populações, caso sejam atingidas.

Chama atenção e merece destaque, desde logo, a atuação de Cuba, com diversas manifestações de solidariedade a outros países, independente de posições político-ideológicas de cada. O primeiro foi a Itália, que se tornou epicentro da pandemia no momento em que a China pôs o vírus sob controle. Uma delegação de algumas dezenas de médicos e enfermeiros cubanos foi aplaudida por populares ao desembarcar em Milão, no norte daquele país.

O presidente da China, Xi Jinping, entrou em contato com os principais mandatários cubanos, com os quais debateu sobre ações conjuntas e agradeceu a pronta solidariedade de Havana quando da descoberta do novo coronavírus. Em entrevista à imprensa, ele afirmou:

“Nesta luta contra o surto, a China adotou a visão de uma comunidade com o futuro compartilhado com a Humanidade. Uma atitude de abertura, transparência e responsabilidade, compartilhando informações com a OMS e a comunidade internacional, de modo oportuno, e respondendo ativamente às preocupações

de diversos lados, fortalecendo a cooperação para impedir a endemia de se espalhar pelo mundo.”

Ao mesmo tempo, Cuba aceitou um pedido do Reino Unido e acolheu um navio britânico com passageiros infectados, após passar vários dias no mar, sendo rejeitado por outros países do Caribe. Ou seja, o governo cubano adota com firmeza o conceito da comunidade global, em que a solidariedade se sobrepõe a qualquer outro sentimento ou interesse.

PAULO FREIRE

Respeitado no mundo inteiro pelos conceitos que empregou no seu trabalho como educador e na sua obra teórica, Paulo Freire também defende a isenção da solidariedade. Ou seja, ao ser colocado em prática, este gesto desconhece as diferenças sociais, de classes ou de posicionamentos.

O elemento humanista marxista da libertação na pedagogia crítica exige a noção de solidariedade para transformar a prática dos oprimidos, bem como a sua posição em direção ao opressor. Para Freire, “a solidariedade verdadeira é encontrada somente na plenitude deste ato de amor, em sua existencialidade, na sua práxis. Afirmar que os homens são pessoas e que como pessoas devem ser livres, e ainda assim não fazer nada tangível para fazer esta afirmação uma realidade, é uma farsa”.

Freire defende a possibilidade de os oprimidos estarem em solidariedade uns com os outros e, finalmente, com o opressor, através de uma compreensão mais flexível do “nós” da solidariedade. Essa solidariedade também envolve uma conceituação do “nós” em

solidariedade que é composto de vários “eus” e evita uma dicotomização de “nós” contra “eles”, promovendo um reconhecimento mútuo do outro dentro do “nós”.

EM TODO LUGAR

Foi uma baita festa. Começou às 18h de sexta-feira, dia 27 de março, das mais diversas formas. Buzinas de carros, apitos, cantorias e aplausos nas janelas de beiras de estrada exaltando a figura do motorista de caminhão, os caminhoneiros e as caminhoneiras.

Os heróis da estrada, como esses profissionais são carinhosamente tratados, uma vez mais se sacrificam em favor da coletividade.

Nas estradas esvaziadas, carretas de todos os tamanhos rodam no país inteiro transportando principalmente alimentos, tanto industrializados como vindos direto das lavouras, que acabam chegando às moradias onde a população se isola pacientemente. Correm risco maior de serem apanhados pelo vírus traíçoeiro, mas estão aí, e pé na estrada.

Quando surgiu a crise do coronavírus, os caminhoneiros estavam programando uma greve nacional, mas a ideia foi abandonada por tempo indeterminado. “Sobre a preocupação da população e de todos outros atores com a questão se o caminhoneiro vai parar, a resposta é não. Os caminhoneiros sabem da importância do papel deles nesse momento”, afirma Marlon Maues, assessor executivo da Confederação Nacional dos Transportadores Autônomos (CNTA).

Desde o começo do ataque do vírus, também, eles contaram com apoio extra de comunidades e de órgãos de governos, de modo a garantir essa estrada. Inicialmente, restaurantes e postos de combustíveis fechados se tornaram um problema, pela falta de alimentos e de óleo Diesel.

Logo em seguida, porém, pequenas empresas e comunidades se uniram -- de norte a sul, de leste a oeste -- e garantiram marmitas aos caminhoneiros, em muitos casos de forma gratuita. Do mesmo modo, os postos foram reabertos em horários apropriados, assegurando a retomada dos transportes. Sim, e o transporte de carga passou a ser tratado como atividade essencial, que não pode ser interrompida.

Ao mesmo tempo, órgãos de trânsito adotaram medidas que facilitaram a vida dos caminhoneiros, como a flexibilização do controle nas rodovias, com a ampliação dos prazos a carteiras de motoristas vencidas e a suspensão das balanças em rodovias, por exemplo. A própria Polícia Rodoviária Federal entrou na campanha popular de incentivo aos caminhoneiros, evitando a paralização total e o consequente desabastecimento.

Algumas outras categorias profissionais seguem a mesma sina, num esforço extraordinário pra fazer as coisas funcionarem, salvando vidas. A começar, é claro, pelos profissionais de saúde, os primeiros

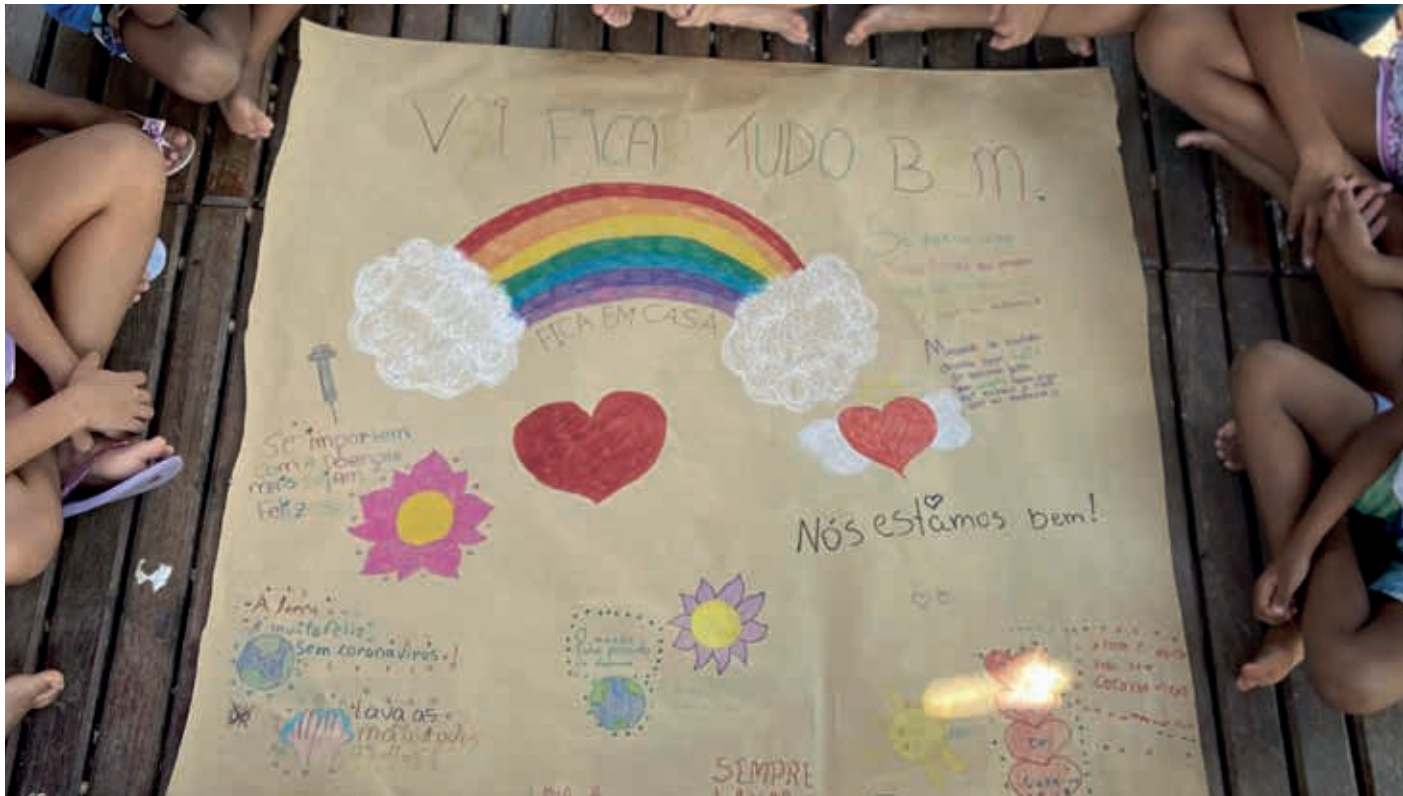
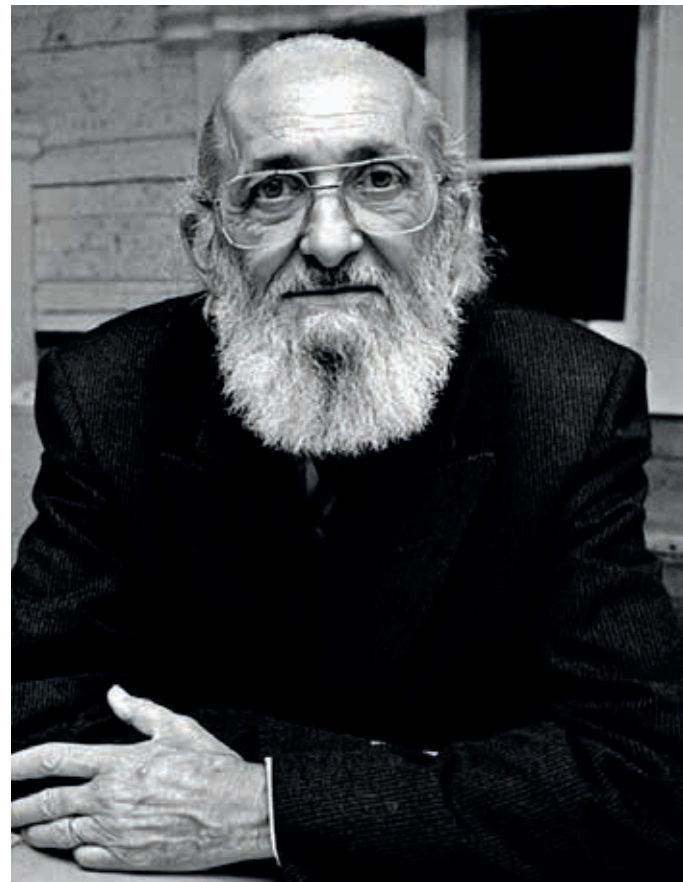


Foto: Andressa Escobar prefeitura de Blumenau



Paulo Freire



a entrarem na roda do atendimento público, onde os limites do profissionalismo e da solidariedade desaparecem, se diluem em meio a um processo em que uma dose de atenção, acompanhada de um sorriso, são mais do que bem-vindos, são essenciais.

Menos exposto, mas igualmente importante, é o trabalho dos garis na limpeza das áreas públicas das cidades e coleta nas zonas residenciais. É certo que o volume de lixo deixado nas ruas diminuiu consideravelmente com o isolamento, mas continua sendo produzido e precisa ser recolhido.

Também nesse caso, os profissionais e mesmo os catadores autônomos receberam vários tipos de apoio e foram bem acolhidos pela sociedade, num gesto espontâneo de solidariedade.

A DOR É MENOR

Em edifícios residenciais, condomínios e áreas de favelas surgiram vários tipos de atividades carregadas de desprendimento e amor ao próximo, independente de quem seja. A vizinhança passa à categoria de parentesco. Por exemplo, pessoas jovens

e bem dispostas se oferecem pra fazer compras em mercados e farmácias aos vizinhos de grupos de risco, isolados em suas moradias, sem cobrar nada...

Outros usam a Internet e montam brincadeiras em grupos, como forma de quebrar a monotonia do isolamento. Este é o caminho encontrado por agitadores culturais pra se manterem em atividade, respeitando o isolamento recomendado. Em muitos casos, os deveres de escolas dos participantes do grupo entram na roda, de modo que a atividade vira aula virtual.

O fato é que o desempenho desse vírus tem uma espécie de lógica matemática, que os pássaros do filme de Hitchcock não tinham. O filme tampouco explica por que os pássaros das mais diversas espécies resolvem atacar as pessoas. E a cena final é obscura: em plano aberto, aparece uma paisagem meio escurecida, dando a entender que as aves haviam tomado conta de tudo por ali.

Pelo andar da carruagem, no entanto, os bichinhos chamados de coronavírus não terão ânimo nem fôlego pra isso. De minha parte, tenho me lembrado do desenrolar do filme, com sua linguagem própria, efeitos sonoros e os cuidados especiais com a fotografia, mas busco me esquecer do seu final. que nós, por conta de projetos como o Movimento Solidário, acreditamos ainda ser possível.



Jaime Scutchuk
Jornalista. Escritor

Rede de Solidariedade ★
"Gente é pra brilhar. Não pra morrer de fome" ★

Nesse período de quarentena muitas pessoas precisam de ajuda para não passar fome

CONTRIBUA:
POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA
Banco do Brasil
Agência: 3599-8
Conta Corrente: 40.777-1
Centro de Estudos e Assessoria - CEA
CNPJ: 01.746.741/0001-89
CEF/DF: 07.371.001/001-59

COLETA:
Alimentos, Materiais de Limpeza e Higiene
QE 13 Conj. J Casa 13 - Guará 2.
Tel.: 61 992729011

“MAS ASSUM PRETO, CEGO DOS OIO NUM VENDO A LUZ, AI, CANTA DE DOR”

Eduardo Pereira

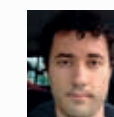
É provável que você já tenha ouvido a música Assum Preto, composta por Luiz Gonzaga, descrevendo a maldade feita com uma ave passeriforme da família *Icteridae*, comumente avistada por todo o território brasileiro.

Também conhecida no Nordeste como graúna (derivado do tupi “guira-uma” = ave preta), no Maranhão como chico-preto, no Mato Grosso como arranca-milho, chopim e chupão, e nas outras regiões do Brasil como cupido, melro e pássaro-preto, ainda existem regiões no Brasil onde são vistos em gaiolas, cantando incessantemente.

A razão para essa crueldade: diz-se que como o assum preto só canta durante a noite, os passarinhos furam seus olhos com espinhos de laranjeira para que, em estado de escuridão eterna, “pra ele assim, ai, cantá mió”.

Embora essa prática seja largamente combatida por ambientalistas e amantes da natureza, infelizmente ainda hoje há relatos de graúnas, e também de sabiás, com os olhos furados por esse Brasil afora. Confira a letra do mestre Luiz Gonzaga:

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas Assum Preto, cego dos oio
Num vendo a luz, ai, canta de dor
Mas Assum Preto, cego dos oio
Num vendo a luz, ai, canta de dor
Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os oio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá mió
Furaro os oio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá mió
Assum Preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá
Assum Preto, o meu cantar
É tão triste como o teu
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos oios meus
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos oios meus



Eduardo Pereira
Sociólogo. Produtor Cultural.
@weiss_guru

JAIR PEDRO FERREIRA: UM CIDADÃO SOLIDÁRIO

— Zezé Weiss

Ainda bem menino, o cidadão de nome Jair Pedro Ferreira, nascido na cidadezinha paulista de Sabino, de pouco mais de cinco mil habitantes, mudou-se com a família para Amaporã, no Paraná. Era o que muitas famílias da agricultura familiar faziam nos anos 1960: deixavam o interior de São Paulo para plantar café e algodão nas terras férteis do norte do Paraná.

Em Amaporã, município também agrícola, de seis mil e poucas almas, cerca de 550 quilômetros distante da capital do estado, Curitiba, o garoto Jair cresceu conforme os ritos da tradição local: alfabetizou-se aos seis anos, na escola rural próxima ao sítio dos pais; aos dez, começou o trabalho regular na roça, como parte da mão de obra familiar; aos 25, ainda estava por lá, morando com a família.

Enquanto viveu na área rural, estudou do jeito que deu: completou os quatro primeiros anos do ensino fundamental, curso primário naquela época, parou dois anos, fez o quarto ano de novo, porque os pais, que nunca frequentaram uma sala de aula, achavam que os quatro filhos e as três filhas deviam estudar, mas não tinham condições de mandá-los para seguir os estudos em Amaporã.

Essa situação só mudou quando a prefeitura passou a levar as crianças para as escolas da sede do município. Para o adolescente Jair, veio então a oportunidade de, em 1977, completar o ginásio (hoje os quatro últimos anos do ensino fundamental) e fazer o ensino médio, estudando à noite, depois da lida diária no sítio. Por essa razão, entre uma interrupção e outra, só conseguiu terminar o ensino médio já "com uma idade alta," aos 22 anos de idade.

A mudança para a cidade aconteceu aos 25 anos, por razões de saúde. Como Jair nasceu com uma perna mais curta, o médico alertou que se ficasse na roça mais cedo ou mais tarde teria problema. O pai, agricultor respeitado, articulou para que o filho, que

gostava de números e tinha o ensino médio completo, conseguisse seu primeiro emprego urbano.

Jair foi então trabalhar na Corretora de Seguros do Bradesco, em Amaporã, em um emprego que durou três anos. Demitido, precisou voltar pra roça, onde ficou por mais um ano. Em 1988, passou no concurso do Banco do Estado do Paraná e foi para a cidade vizinha de Planaltina do Paraná, onde trabalhou por outro ano e pouco, quando, em 1989, foi aprovado no concurso da Caixa Econômica, assumindo seu posto na cidade de Loanda, também no Paraná.

Já a militância social, Jair começou enquanto vivia na roça, como membro da Juventude de Ação Mariana (JAM), da Igreja Católica. A vida na cidade, no entanto, o aproximou da Pastoral da Juventude e, depois, na faculdade, da Pastoral Universitária. *"Nessa época o teólogo Leonardo Boff estava no auge das disputas com a Igreja pela Teologia da Libertação, e a Pastoral fazia uma leitura mais crítica da realidade. Não tinha como ficar de fora"*, conta Jair.

Gilberto Carvalho, Secretário-Geral da Presidência da República nos mandatos do presidente Lula (01/01/2003 – 01/01/2011) lembra o Jair daqueles tempos: *"Quando conheci o Jair, ele era um jovem militante da Pastoral da Juventude. Seu engajamento na Pastoral o levou, como aconteceu com muitos de nós, a dar consequência à sua fé numa militância social e política. Foi assim que se tornou um dos construtores do PT, partido ao qual é filiado desde 1991, em um trabalho muito corajoso, enfrentando a discriminação e a perseguição, e um dirigente sindical fundamental para a classe trabalhadora brasileira"*.

Do debate político nacional, o militante Jair conta que começou a participar mais intensamente a partir do Movimento Diretas Já, entre março de 1983 e abril de 1984. Em 1991, foi para Londrina, umas das grandes cidades do estado do Paraná,

onde havia a efervescência de um Sindicato dos Bancários forte e combativo, o terceiro sindicato a se filiar à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

No início dos anos 1990, assistiu e vivenciou duas demissões em massa de bancários, promovidas pelo recém-empossado presidente Fernando Collor.

Jair recorda o momento: *"Nos anos 90, o presidente da República tomava posse em 15 de março. Em uma ação de marketing para marcar seus 100 dias de governo, Collor resolveu demitir todos os empregados da Caixa contratados no mês de março. Em meados de junho, 2.600 funcionários da Caixa foram colocados na rua"*. Eles foram reintegrados em setembro do mesmo ano, durante a campanha salarial da qual Jair participou intensamente.

No ano seguinte teve greve forte, de 21 dias, de toda a categoria bancária. Mas depois do Tribunal Superior do Trabalho (TST) declarar a greve ilegal, a Caixa acabou por demitir 110 pessoas, 30 em Londrina, que era um ponto forte da greve, 30 em Belo Horizonte e 50 em São Paulo. Dessa vez, Jair entrou para a lista de demitidos. Começou, então, uma campanha de reintegração.

"E aí o lindo é que os empregados que não foram demitidos nos sustentaram durante um ano. Isso nos permitiu nacionalizar a luta. Nós íamos de estado em estado, mobilizando a categoria e captando recursos. Em um gesto lindo de solidariedade, 35 mil empregados da Caixa autorizaram descontos em seus salários para que nós pudéssemos seguir em luta", diz Jair, emocionado.

Jacy Afonso, bancário e presidente do PT-DF, fala sobre o Jair desse período: *"Conheci o companheiro Jair Pedro em 1992, quando ele fazia parte de uma comissão de bancários que veio para Brasília lutar pela reintegração dos demitidos, o que ocorreu em setembro daquele ano, imediatamente após o impeachment do Collor. Desde então, com esse jeito só dele, tão simples, tão humilde, tão solidário, tão humanitário, e com essa incrível capacidade de fazer o interminável trabalho de formiguinha, tornou-se um dirigente respeitado nacionalmente e um exemplo para todos nós"*.

Depois dessa luta intensa, descrita no documentário "Não toque em meu Companheiro", em fase final de produção pela cineasta Maria Augusta, Jair voltou pra casa e se tornou secretário-geral do Sindicato dos Bancários de Londrina, onde ficou até 1996, quando foi eleito, com 26 mil votos, para um mandato de três anos, como representante dos empregados na Caixa Seguros. Já casado com a também bancária Eliane, e com os filhos pequenos, mudou-se com a família para Brasília.

Encerrado o mandato, em 1999, foi trabalhar na agência da Caixa, no Conjunto Nacional de Brasília. Em 2001, tornou-se secretário-geral do Sindicato dos Bancários, no mandato de Jacques Pena como presidente. Em 2004, seguiu secretário-geral, na gestão de Jacy Afonso como presidente.

Em 2005, já no governo Lula, foi para Feneae, como diretor de administração e finanças. Foi nesse cargo que participou da fundação do Movimento Solidário, alinhado com os Objetivos do Milênio da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2014, assumiu a presidência da entidade e manteve o projeto, dando todo o suporte necessário à sua execução.

Durante essa rica trajetória, Jair deixou marcas em seus companheiros de jornada, como o deputado federal Enio Verri, do PT do Paraná: *"Eu conheço o Jair há muitos anos, nos conhecemos quando eu trabalhava na formação da Pastoral da Juventude, e fomos nos rever muitos anos depois, quando ele já era dirigente sindical e já estava na Feneae. Jair é uma pessoa de se admirar, e eu o admiro muito, sobretudo por sua simplicidade, pela maneira como se relaciona com as pessoas. Um dirigente sindical de uma entidade com a importância da Feneae tem um poder muito grande, e ele consegue dirigi-la com a mesma sensibilidade, a mesma visão humanitária e o mesmo compromisso de classe que ele traz consigo desde os tempos da Pastoral"*.

Dessa singeleza única, também fala Gilberto Carvalho: *"Ao longo de décadas, Jair seguiu sua luta no Movimento Sindical e, com seu amadurecimento, transformou-se em uma liderança exemplar, que não se burocratizou nem permitiu que cargos e funções administrativas lhe subissem à cabeça. À frente da Feneae, Jair tem sido essencial na organização e no apoio à luta da classe trabalhadora brasileira. Tenho muito orgulho de ser seu conterrâneo!"*

Em maio, Jair deixa a presidência da Feneae, mas fica na casa, como Diretor de Formação, onde quer fortalecer o Instituto Feneae, ampliar a Rede de Conhecimento, que disponibiliza mais de 100 cursos para os empregados da Caixa e, em especial, repensar, reorganizar e valorizar o Movimento Solidário, *"espaço de oportunidade para que todos os funcionários da Caixa possam expressar sua solidariedade com aqueles que mais precisam"*.

O parceiro do Movimento Nacional de Moradia, fundamental na construção do Programa Minha Casa, Minha Vida; o atuante membro do Fórum Nacional da Reforma Urbana e do Conselho das Cidades; o amigo dos povos das águas, do campo, do Cerrado e da Floresta; o defensor irredutível da Democracia recebe de seu sucessor e vice-presidente por dois mandatos, Sergio Takemoto, os elogios mais sinceros:

"Jair é um amigo leal e solidário, um dirigente sereno e firme. Um defensor incansável da Caixa como banco 100% público e de seus empregados. Um cidadão respeitoso no trato humano. Nesses anos todos trabalhando juntos, uma coisa que eu nunca vi foi o Jair perder a calma. Um ser humano extraordinário, imprescindível nessa nossa luta por um mundo mais justo, mais fraterno e mais solidário".



Zezé Weiss –
Jornalista.



NÃO VAMOS
PERMITIR
QUE NOSSAS
FLORESTAS
SEJAM
DESTRUÍDAS.

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



O TREM PAROU NO PARÁ

Lúcio Flávio Pinto

Foto: divulgação

O governador Helder Barbalho anunciou, na segunda-feira (23 de março), no seu perfil no Twitter: "Acabamos de proibir a entrada de um trem com passageiros da empresa Vale no Pará! Ele ficará retido na cidade de Açaílândia, no estado do Maranhão".

O acento de exclamação ao final da primeira frase parece indicar que o governador praticou um ato de autoridade, bravura ou, talvez, de heroísmo: parou o trem de passageiros; agora, só o trem de minério continuará a circular entre o Pará e o Maranhão, pelos 892 quilômetros de extensão entre Carajás e o porto da Ponta da Madeira, em São Luís.

Com a providência, o governador deu as devidas consequências ao reforço dos cuidados para reduzir a circulação do novo coronavírus no Pará, mandando fechar o Estado por terra, mar e água com o restante do Brasil, numa das iniciativas estaduais que irritaram o presidente Jair Bolsonaro, defensor da volta imediata e irrestrita às atividades econômicas.

A mineradora Vale, dona do trem, do porto, da província mineral e de muita coisa mais, deu pronto cumprimento à ordem do governador: desgarrou o carro de passageiros do comboio de minério, com quase quatro quilômetros de extensão.

A empresa prometeu ressarcir do valor pago os passageiros que tinham como destino as cidades paraenses, que retornaram aos pontos de embarque de origem utilizando o próprio trem até o destino final, na capital maranhense, onde ficará estacionado até segunda ordem. Eles também poderão remarcar as passagens para outra data.

Esse contratempo poderia ser evitado se a Vale tivesse tomado essa iniciativa no domingo. O

governador disse, em entrevista coletiva, que nesse mesmo dia avisara a empresa sobre a proibição. A mineradora agiu, dois dias antes da proibição, como se as viagens pudessem continuar adotando no trem de passageiros medidas preventivas ao coronavírus.

A companhia garantiu que a taxa de ocupação dos vagões seria reduzida pela metade para evitar aglomerações a bordo, pelo aumento do espaçamento entre as poltronas, seguindo orientação da Organização Mundial da Saúde. A higienização nos vagões, que já havia sido intensificada, seria ainda mais frequente durante as viagens e nas paradas de manutenção. Nas estações, e a bordo do trem, os passageiros estavam recebendo orientações sobre como prevenir o Covid-19.

Supõe-se que o último trem saiu de São Luís com esses cuidados. Mesmo que a empresa tivesse sido imprudente, não seria mais lógico, racional e humano permitir que os passageiros pudessem chegar ao seu destino, no Pará, sujeitos a todas as formas de controle em Marabá e Parauapebas, ponto final da viagem, com 18 horas e duração?

Assim, desapareceu um meio de transporte utilizado diariamente por 1,5 mil pessoas, numa região carente de bons meios de transporte – e de quase tudo, aliás. Mas o trem de minério continuou a sua faina de carregar quase 70 mil toneladas do melhor minério de ferro do mundo em cada viagem no rumo, principalmente, da China, onde a pandemia começou.



Lúcio Flávio Pinto –
Professor, jornalista e
sociólogo.



O BRASIL SÓ RESISTE SE DERRUBAR BOLSONARO

Emir Sader

A pandemia chega a um Brasil enfraquecido politicamente, paralisado economicamente, desprestigiado internacionalmente, empobrecido, desmoralizado. O país precisa encontrar forças para resistir a essa situação, mas não pode fazê-lo com um governo que não apenas não comanda o país, como sabota todas as iniciativas para reunificá-lo e colocá-lo em condições de resistir.

O país vinha sendo destruído desde o golpe de 2016, quando se substituiu o modelo econômico que havia permitido ao país retomar a expansão, baseado na distribuição de renda e na ampliação do mercado interno de consumo. No último ano do governo da Dilma a economia crescia e o país chegou, pela primeira vez na sua história, ao pleno emprego, com o nível mais baixo de desemprego que jamais tivemos.

O golpe, feito para desalojar por vias inconstitucionais o PT do governo e restaurar o modelo neoliberal, retomou o processo de destruição do Estado, da economia nacional e dos direitos da massa da população. Foi retomado o processo de liquidação do patrimônio público com a privatização de empresas nacionais, vendidas a preço de banana a grandes empresas internacionais. Foram congelados por 20 anos os recursos para políticas sociais, interrompendo e revertendo o processo de diminuição das desigualdades e das exclusões sociais. Foram liquidados direitos dos trabalhadores, deixando-os desvalidos e jogados na precariedade laboral.

Quando chegaram as eleições e Lula era favorito para ganhar no primeiro turno, se montou a monstruosa operação de manipulação, que levou a que a direita preferisse colocar na presidência do país um mentecapto, aventureiro, miliciano, contanto que mantivesse o modelo neoliberal, ao invés de Lula ou de Fernando Haddad e a retomada do modelo que havia levado o Brasil ao crescimento, à distribuição de renda, ao pleno emprego, à estabilidade política e ao prestígio internacional.

O governo que se instalou assaltando o poder poderia ter feito a economia voltar a crescer, impedir que o país parasse. Mas, ao contrário, manteve e radicalizou um modelo econômico que só favorece o capital financeiro, os bancos privados, que são os que realmente se enriquecem no país. Um capital que não faz investimentos produtivos, ao contrário, vive da especulação na bolsa de valores, que não cria nem bens, nem empregos. Um modelo que jogou a maioria dos brasileiros na precariedade, que não se importou nem com o desemprego, nem com os 38 milhões de pessoas que trabalham na informalidade.

O país já estava paralisado no final do primeiro ano deste governo. O balanço econômico do primeiro ano era catastrófico e já se previa um segundo ano pior ainda. Os comportamentos do presidente levaram ao desânimo de que ele tivesse capacidade de comandar o país para reverter essa situação, ainda mais pela confiança dele no ministro da Economia, principal responsável pelo desmonte

da economia nacional, do Estado brasileiro, dos direitos dos trabalhadores e das políticas sociais.

A pandemia encontra um Estado enfraquecido, um sistema de saúde desmontado, um país com 12 milhões de desempregados e 38 milhões sobrevivendo na precariedade o que, com suas famílias, significa mais de metade da população sobrevivendo na miséria. Encontra um governo desprestigiado, que só aprofunda as divisões e os conflitos, quando o país precisa se reunificar e mobilizar todas suas energias para resistir à grave crise sanitária, que se sobrepõe à crise econômica, política e social.

Países que resistem e se fortalecem na crise são os que têm um Estado forte, os que fortalecem o sistema público de saúde, os que atendem os setores mais vulneráveis da população. A China é o caso mais claro de resistência por meio de um Estado forte e de medidas duras de isolamento da população. Na Argentina, o presidente Alberto Martinez tem mais de 90% de apoio da população no comando das políticas sanitárias e sociais de resistência.

No Brasil, temos um presidente que nega a gravidade da crise, subestima seus efeitos sobre a massa da população, não apenas não comanda como sabota os governadores e outras instâncias que resistem. Um presidente que trabalha para desagregar o país, para desmoralizar a vontade dos brasileiros de resistir.

Finge que defende a retomada do crescimento econômico, quando seu governo levou o país à recessão. Finge defender a massa dos trabalhadores precários que seu governo produziu, tirando-lhes os direitos elementares e jogando-os na precariedade.

É um governo que atua na contramão do que o país precisa, para resistir, sair da crise e depois ter força para se reconstruir. Bolsonaro resiste a tudo isso, trata de dividir e confundir os que atuam para proteger a vida das pessoas e atendê-las com apoios para que sobrevivam.

Esse presidente é um estorvo, um obstáculo, um sabotador do que o país precisa. Com ele o Brasil não conseguirá resistir e superar a crise. O Brasil tem que derrubar Bolsonaro e constituir um governo que una a todos os brasileiros, para resistir à grave crise de saúde pública e sair fortalecido para reconstruir sua economia, seu Estado, recompor os direitos dos trabalhos, voltar a crescer e a superar as desigualdades.

Enquanto Bolsonaro for presidente, nada disso será possível. O Brasil será sabotado por ele. Toda forma de derrubá-lo é válida, porque é um problema de sobrevivência nacional, de defender a vida das pessoas e a possibilidade de que voltemos a ser um país digno, de diálogo, de respeito, de governo legítimo, de esperança e de felicidade.



Emir Sader

Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.



LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



Em 21 de março, data em que celebramos o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, o Movimento Negro Unificado (MNU) se mobilizou, com a comunidade global, pela vida dos povos, para que as balas de Shaperville não tenham seus ecos mais uma vez, eliminando negros e negras pelo racismo, agora com as armas da omissão.

No dia 21 de março de 1960, no bairro de Shaperville, cidade de Joanesburgo, capital da África do Sul, 20 mil negros e negras protestavam contra a lei do passe, que os obrigava a portar cartões de identificação, especificando os locais por onde eles podiam circular.

Em Shaperville, mesmo sendo uma manifestação pacífica, o exército atirou sobre a multidão, matando 69 pessoas e ferindo outras 186. Em memória à tragédia, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o dia 21 de março como o Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

No Brasil, os negros e negras são 56,10% da população, vítimas de um ataque genocida legalizado pelo racismo institucional e, em contrapartida, são mantidos privilégios para uma minoria branca.

Negros e negras enfrentam a violência racial cotidiana. A maioria está na base da pirâmide social. Sem acesso à educação, saúde, segurança, moradia, trabalho e saneamento básico.

A todo momento ocorrem ataques à religião de matriz africana e à cultura negra, e persistem a invasão

e a destruição de territórios negros (favela, quilombo), tudo isso comprova a perversidade do racismo.

Assassinam negros. A cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil.

Sem justiça, sem ação do Estado na defesa da vida do povo negro.

Grandes projetos são desenvolvidos para áreas de quilombos e populações ribeirinhas, dizimando comunidades tradicionais.

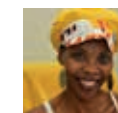
Neste ano, há o agravante da pandemia do coronavírus, que ameaça um número incalculável de negros e negras, devido a desigualdades socioeconômicas, baixa oferta de assistência à saúde, alta exposição a vetores externos de transmissão do vírus, principalmente, no caso das populações tradicionais e faveladas.

Em memória das vítimas do massacre de Shaperville, na África do Sul (1960).

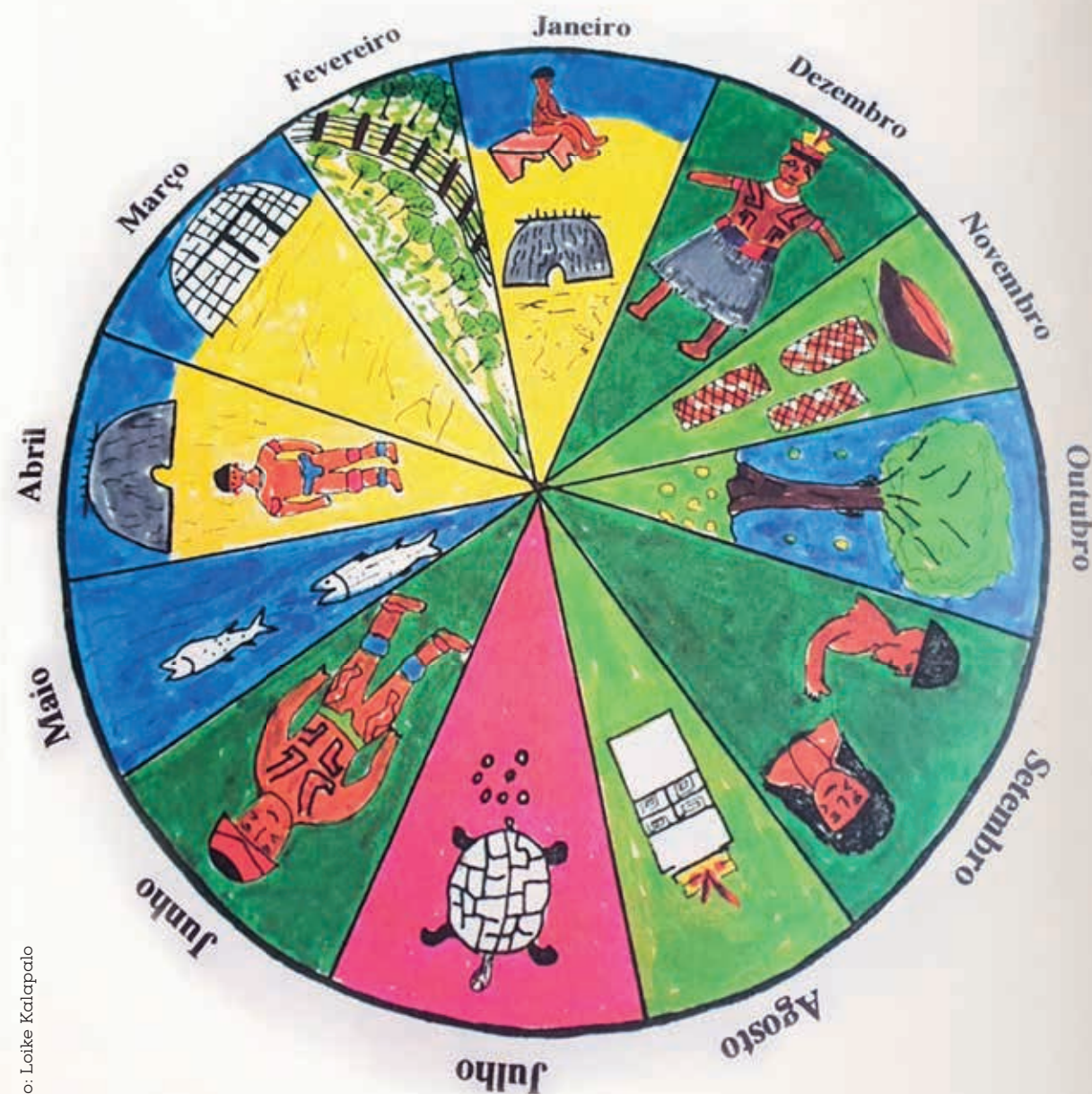
Pelo fim da ação genocida contra a população negra.

Pela garantia, nessa crise do coronavírus, dos direitos da população negra a todos os serviços e medidas preventivas e socioeconômicas.

REAJA À VIOÊNCIA RACIAL



Iêda Leal – Coordenadora Nacional do MNU. Tesoureira do SINTEGO. Manifesto lançado pelo MNU em 21 de março de 2020.



Desenho: Loike Kalapalo

O calendário indígena Kalapalo

Loike Kalapalo

Janeiro – chove muito. Nesse mês, quem tem filho rapaz, acima de 14 anos, fica em reclusão.

Fevereiro – as pessoas que têm roças fazem cercas de paus roliços em volta da roça para as plantas não serem destruídas pelos porcos do mato. Nesse período, fica difícil a pescaria.

Março – as pessoas costumam construir as suas casas.

Abril – as pessoas que fizeram suas casas arrancam o sapé para cobri-las.

Maio – os rapazes que entraram em reclusão são soltos para começarem a preparação do "Kuarup".

Junho – as aldeias que se juntaram com a aldeia onde será realizado o "Kuarup", farão a entrega do polvilho.

Julho – é a época da desova do tracajá e começam os preparativos para a festa do "Kuarup".

Agosto – época da festa do "Kuarup".

Setembro – início das primeiras chuvas.

Outubro – época em que as frutas do pequi começam a cair.

Novembro – época em que os rios começam a encher.

Dezembro – as pessoas das aldeias do Alto Xingu fazem vários tipos de festas.

Loike Kalapalo – Líder Indígena, em "Geografia Indígena", MEC/SEF/ISA, 1994.





HUNZA: A TERRA DA LONGA VIDA

Zezé Weiss

Meu sogro Irving Weiss foi quem me contou sobre Hunza, o lugar onde as pessoas vivem por mais tempo neste nosso planeta. Isso foi em meados dos anos 1980, e estávamos de mudança para o Paquistão.

Na viagem de ida, Joe e eu paramos por uns dias na Flórida para visitar Jeanette e Irving. Para me acalmar, Irving resolveu mostrar o lado bom daquela aventura: “Você vai conhecer Hunza, a terra da eterna juventude”. E seguiu contando maravilhas sobre o Vale do Rio Hunza, que fica nas montanhas geladas do Kush Hindu, no Himalaia, um dos lugares mais bonitos do mundo.

Um dia partimos de Islamabad em um voo da *Pakistan International Airlines*, viajamos por 1 hora até Gilgit, a cidade mais próxima, e de lá seguimos de Jeep para a terra encantada de Hunza, localizada a três mil metros de altitude, “descoberta” em 1916 por militares ingleses que faziam o mapeamento da região, à qual deram o nome de “Jardim do Éden”, em referência ao paraíso citado na Bíblia.

Em Hunza, o que primeiro se avista são imensos jardins de pessegueiros, cercados por montanhas cobertas de gelo. Em todo o Vale, vivem cerca de 30 mil pessoas, banhando em águas geladas e se alimentando basicamente de frutas e chás. Nesse lugar onde o povo vive muito, sem doenças graves e sem estresses, há relatos de mulheres férteis até os sessenta anos e de pessoas praticando esportes até os cem anos de idade.

Como o povo de Hunza fala um idioma próprio, o Burushaski, que só o povo de Hunza domina, mesmo tendo por perto a mais alta rodovia pavimentada do mundo, a *Karakoram Highway*, que liga a região de Xinjiang, na China, à região de Gilgit-Baltistan, no Paquistão, nada consegue tirar a paz dessa gente das montanhas que

prefere manter certa distância da sociedade moderna e que consegue, segundo calendário deles, passar dos 120 anos de vida.

Estivesse vivo, meu sogro Irving, encantado faz tempo, conseguiria chegar fácil ao Vale de Hunza. Hoje há voos frequentes para Islamabad, e de lá se pode ir de avião ou de transporte terrestre até Gilgit. Dali por diante, é só se aventurar pelas curvas da Karakoram, entrecortadas por uma das paisagens mais belas do planeta Terra.



Zezé Weiss –
Jornalista.



O SIGNIFICADO DAS FLORES

Henda

As flores estão associadas, em muitas culturas e desde tempos muito velhos, a rituais mágicos.

O uso da planta viva é conhecido como modificador do corpo, sobretudo quando muito aromática, visto que o perfume não só agrada, como se diz que tonifica. A planta morta serve não somente a curas, como, também, a defumadores que preparam o ambiente para o descenso das divindades, ou afastam espíritos nocivos.

Fala-se, também, de plantas ressuscitadas por processos ocultos, cujos arcanos não podem ser publicados. Essas plantas, resseivadas, destinam-se a cultos esotéricos.

Para os gregos antigos, cada parte da planta correspondia aos auspícios de um deus diferente. A raiz dizia respeito a Cronos, a semente e a casca a Hermes, o lenho e o tronco a Áries, as folhas, a Selene, as flores a Afrodite e o fruto a Zeus.

Além disso, cada planeta e cada deus exercia sua influência sobre as plantas e suas preferências. As plantas influenciadas pela deusa do amor – Afrodite ou a Vênus dos romanos – são todas belas e possuem sabor agradável, produzindo flores de perfume suave e sementes em abundância. Geralmente são afrodisíacas.

Quando o planeta Júpiter se encontra perto de Vênus, a planta nasce forte e cheia de virtudes. Se, por acaso, a influência de Mercúrio se fizer sentir quando Vênus se encontra perto de Júpiter, então a planta nascerá ainda mais bela e perfeita e suas flores serão azuis e brancas.

Preferidas por Vênus, a deusa do amor, são a rosa, a violeta, a murta, a flor de laranjeira e a íris.

As flores têm sido usadas, desde há muito tempo, em trabalhos de magia e, todas elas, têm suas histórias e lendas. A cada uma atribui-se um poder.

Em feitiçaria, as flores podem ser usadas como talismãs ou amuletos, ou, então, quando secas, em incensos invocatórios ou purificadores. Entram em beberagens ou filtros de amor com seus sumos perfumados de grande influência mágica e, quando ativadas, transmitem seu poder.

A magia do reino vegetal reside no conhecimento do espírito das flores em artes mágicas. Para que o exercício dos poderes das flores se realize plenamente, é preciso que certas regras sejam observadas. Essas regras dizem respeito às horas de colheita, à secagem de folhas e flores e, sobretudo, às combinações de suas essências.

Por exemplo, as flores colhidas na véspera de São João retêm mais força do que no resto do ano. Em geral, as plantas que se destinam a ritos mágicos devem ser colhidas entre meia-noite e 8 horas da manhã. Sabe-se, igualmente, que a 2ª hora do dia de sábado é muito propícia às plantas usadas em fórmulas mágicas. Há vegetais que, em feitiçaria, tem uso determinado pelos dias da semana.

Henda – Escritora, em “Segredos de Tias e Flores”, Relume & Dumará, 1994.

DEIJANIRA E VESPASIANO: EXEMPLO DE UNIÃO, LUTA E SUPERAÇÃO

Iêda Vilas-Bôas

O Grupo Escolar Americano do Brasil sempre foi símbolo de boa educação formal em Formosa, e ainda é. daquelas salas de aula simples, com seus professores dedicados, saíram inúmeras pessoas de sucesso. E para alegrar o prédio, tinha a presença da bem-humorada e despachada Deijanira, Deija para alguns e Dona Deija para todos.

Houve um tempo em que Deija e sua família ocuparam a casa que havia no pátio da escola e exercia facetadas funções: merendeira, porteira, psicóloga, curandeira... porque, naqueles tempos, médico era exemplar raro, e a medicina cara. Deija deixava a casa amarela mais clara que o sol do meio-dia.

Ali vivia ela, seu esposo Vespasiano, alfaiate especializado em alta costura masculina, e os filhos que iam nascendo... ano sim outro não, havia sempre mais um bebê na família Gualberto de Brito, que enchia de orgulho aquele casal de trabalhadores.

O casal se conheceu no ateliê no famoso alfaiate de Chiquinho do Espírito Santo, marido de Dona Calú e pai de Zelma, que se notabilizou como a maior estilista de alta costura de todos os tempos no município de Formosa.

Nesse tempo Deijanira era aprendiz de calceira. Vespasiano, o conhecido Seu Vespa, era homem vaidoso, cheio de charme e, embora tenha vindo de Flores de Goiás, lá do interior do interior, onde era peão de boiadeiro, sempre teve pretensões de se casar com moça direita da cidade grande e logo se encantou pela comunicativa Deija. O namoro e o noivado duraram apenas cinco dias, e eles se casaram em uma sexta-feira da primavera no mês de outubro de 1951.

Vespasiano, considerado oficial de alfaiate de “mão-cheia”, resolveu trabalhar em Anápolis para melhor contribuir com o sustento da família. Por lá ficou algum tempo e Deija, com saudades do esposo, deu seu jeitinho de aplicar-lhe um xeque-mate: tinha 30 dias para retornar para Formosa. Vespa voltou de mala e cuia e por aqui ficou.



Foto: Família Gualberto de Brito.

Por 2 mil réis comprou, com a ajuda de Deija, uma máquina de costura de última geração na loja de Seu Ayçor Fayad. Deija contribuiu com mil Réis do salário que recebia como porteira. Vespa, por sua vez, confeccionou dois ternos para Zé Coqueiro, que complementou o pagamento da necessária máquina de costura. Daí pra frente toda a sociedade formosense ficou sabendo que a cidade tinha mais um grande mestre da alta costura masculina, e veio a clientela seleta.

Deija e Vespa criaram grande prole: Creuza, veio de Flores de Goiás aos sete anos, resultado de uma aventura de Vespa e foi acolhida por Deija como se sua filha fosse. Aí, nasceu o Walter, o Vanderley, o Wagner, o Vespasiano Filho, o Valdo, o Waldir e a moça da casa: Valquíria Gualberto de Brito, minha amiga, colega de magistério e Confreira na Alaneg – Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano.

Um dia, era 10/10/2008, Vespasiano cometeu a deslelgância de partir primeiro. Viveu bem seus 84 anos (nasceu em 25/08/1924). A Deija, tocou seguir a vida sem seu companheiro de jornada, recebendo visitas de netos e filhos, festejando nascimentos e celebrando casamentos. Sempre muito linda e bem arrumada. A anfitriã perfeita, servindo café com bolo, uma fineza de fazer gosto!

Em 22/06/2018, Deijanira também partiu, com 94 anos (nasceu em 01/02/1926), sem deixar tristezas. Sua força e sua alegria contagiante ainda emanam da sua casa no Abreu. Parece que Deija continua ali, com seus lindos olhos, por baixo dos óculos, sua pele negra, quase sem rugas, e o sorriso largo de quem gostava de bem-viver e de bem-querer a todo mundo!



Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Esse texto tem por referência o livro: “Memórias de uma família negra brasileira – Os inquilinos da casa amarela”, de Walter Gualberto de Brito, Editora Thesaurus – 2006.



LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



GASTRONOMIA

Foto: divulgação/ Eduardo Knapp

“O DE COMÊ TÁ NA MESA” RECEITAS DE ARROZ DE DONA CANÔ

Mabel Velloso

Todo prato combina com arroz. O arroz é tão presente à mesa que se inventou a expressão “arroz de festa” para as pessoas que estão em todos os lugares. Como “beiju de massa que em todo lugar se acha”.

ARROZ BRANCO

Colocar água para ferver, o bastante que dê para mergulhar todo o arroz. Botar uma colherinha de sal e jogar dentro o arroz catado e lavado. Deixar cozinhar até amolecer. Escorrer e servir quente. Arroz simples que serve para acompanhar qualquer comida. Observação: deixar para colocar o sal depois que a água estiver quente faz a água ferver mais rápido.

ARROZ COM ALHO

Colocar numa panela um pouco de azeite doce. Machucar bem dois dentes de alho com sal e jogar no azeite; deixar dourar um pouco; jogar o arroz e mexer; acrescentar água fervente, o suficiente para cobrir o arroz, e deixar cozinhar até ficar macio.

ARROZ TEMPERADO

Colocar numa panela um pouco de azeite doce e acrescentar alho e cebola bem machucados com sal. Deixar dourar um pouco. Botar a água e o arroz. Juntar um pouco de extrato de tomate, para ficar coradinho, e tempero verde. Podem-se acrescentar ervilhas, cenoura cortada em pedacinhos, passas.

ARROZ DE VIÚVA

Levar o arroz a cozinhar no leite de coco; pouco sal. Deixar cozinhar até o arroz ficar mole e encorpado.

ARROZ COM SURURU

Primeiro, preparar o ensopado de sururu. Se o sururu ainda estiver na casca, lavar bem lavado e levar a ferver. Quando as conchas se abrirem é porque está no ponto. Escorrer e retirar da casca, um por um, e lavar novamente antes de jogar no tempero. Se o sururu já estiver aferventado e catado, lavar bem lavado e levar a cozinhar com leite de coco, tomate, cebola, pimentão, coentro, extrato de tomate, azeite doce, um pouco de sal, até ficar com pouco caldo. Reservar. Cozinhar o arroz com água e sal, escorrer e juntar ao ensopado de sururu.

ARROZ COM CARNE-SECA

Aferventar a carne seca, para retirar o excesso de sal, escorrer e picar em pedacinhos. Fritar no óleo com cebola. Reservar. Cozinhar o arroz com água e pouco sal. Escorrer e juntar à carne-seca; misturar e, na hora de servir, acrescentar o tempero verde.

ARROZ APROVEITADO

Ao arroz cozido que sobrou, juntar ovos batidos, um pouco de queijo ralado e misturar. Fritar às colheradas, como se fosse acarajé. Colocar no papel-toalha para tirar o excesso de gordura. Podem-se acrescentar carne moída, pedacinhos de frango.



Mabel Velloso – Escritora, em “O sal é um dom – Receitas de Dona Canô”, Casa da Palavra, 2015.

Quem tem
FOME
tem pressa!



SINPRO
SINDICATO DOS PROFESSORES
NO DISTRITO FEDERAL

Filiado:
CUT
CNTE
DF

4
anos

CUT
CNTE
BRASIL



PEQUENA REFLEXÃO SOBRE A REDE HÍDRICA URBANA

Altair Sales Barbosa

Quando se analisa a rede hídrica que alimenta ou nasce em grandes e médios polos urbanos, há que se levar em consideração alguns fatores. Aqueles que afetam a qualidade da água, são de "aparente" solução, dado que já existem tecnologias para o tratamento da água reutilizada.

Entretanto, outros fatores, além de serem de difíceis soluções, provavelmente nunca serão resolvidos, se o modelo econômico que motiva as expansões urbanas desordenadas não for solucionado radicalmente. E isso independe da boa vontade do gestor urbano e de seus técnicos.

O primeiro fator nesse sentido se refere ao desmatamento desenfreado das áreas de recargas dos aquíferos das águas superficiais urbanas, fato que provoca, no início, o desaparecimento das nascentes, em seguida, vem a diminuição da vazão e, no futuro, acontece o desaparecimento total do curso d'água.

Esse fator independe da boa vontade do gestor urbano, pois várias nascentes se situam fora do município do qual o agente é gestor, fato que exige uma ação integrada regional na busca de uma solução plausível, o que se torna difícil, por causa das diferenças ideológicas e das prioridades de cada município.

O segundo fator, que também independe ainda mais do gestor urbano, se refere ao fenômeno conhecido em Geografia Agrária como "desterritorialização". Como consequência de uma política agrária nacional mal planejada, gerando uma migração em massa das populações rurais para as áreas urbanas.

Nas áreas urbanas, essa população migrante, que na sua maioria tem baixo poder aquisitivo, vai ocupar preferencialmente as margens dos córregos, criando problemas sociais, ambientais e de saúde, de difíceis soluções.

Com o passar do tempo, essa população, nesses locais assentada, começa a fazer uma série de exigências para seu melhor bem-estar: pavimentação das áreas, linhas elétricas, prédios públicos para escolas e atendimentos de saúde, áreas de recreação etc.

Os problemas que surgem são tantos que não cabe enumerá-los neste espaço, mas é importante que se diga que não há Plano Diretor que consiga conter tais distorções. A pavimentação de novas áreas reduz drasticamente a infiltração das águas pluviais no solo, trazendo, num primeiro instante, enchentes catastróficas. Mas, com o tempo, vem a diminuição da vazão do curso de água, até o seu total desaparecimento. A pavimentação ainda provoca as ilhas de calor, com suas inúmeras consequências, inclusive as climáticas.

O CASO ESPECIAL DA CIDADE DE GOIÂNIA

A represa de abastecimento para a grande Goiânia, efetuada na sub-bacia do ribeirão João Leite, tornou-se uma obra necessária para atender a demanda das políticas que promovem as aglomerações urbanas concentradas, desordenadas e repentinas.

À primeira vista dá-se a impressão, para as pessoas leigas, que o problema de abastecimento de Goiânia foi e será resolvido. Isso é verdade, para quem pensa só no presente. Mas, em médio prazo, torna-se necessário que alguns pontos sejam levados em consideração:

A represa ocupa um pequeno relicto de uma área que historicamente vem sendo degradada, o antigo Mato Grosso Goiano, portanto uma área ambientalmente em desequilíbrio.

O desequilíbrio provocado pela transformação ambiental já trouxe várias epidemias de dengue e outras novas que em breve afetarão a região.

Basta analisarmos as consequências que a Biogeografia alerta sobre os desequilíbrios ambientais. A área coberta pela lâmina d'água transformou um ambiente lótico em bético.

Nesse ambiente o processo de sedimentação é lento, o que provoca a argilificação do fundo do lago, impedindo que a água represada, abasteça os lençóis profundos, pois a argila é uma rocha impermeável.

A área de abrangência da represa inundou nascentes de pequenos córregos. Isso significa que as sufocou para sempre e que elas não mais alimentam a represa.

A vegetação sufocada pela água represada, em decomposição, provoca a liberação do metano, que contribui para o aumento do efeito estufa.

Como a represa não está sendo mais alimentada pelos seus originais alimentadores, pois muitos já desapareceram, passa a depender das águas das chuvas.

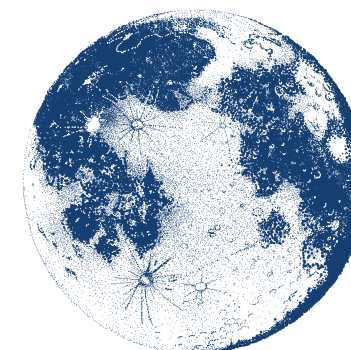
A instabilidade climática experimentada atualmente pelo Planeta, provocada por fenômenos naturais, poderá trazer situações inesperadas, ou de muita chuva ou de secas prolongadas, para a região.

Em ambos os casos, a situação merece o alerta adequado, pois trazem no seu bojo problemas imprevisíveis.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq e da Unievangélica, Anápolis-GO.

IRAKA YEKAYAIRA ÏYAUJAUSU: A ORIGEM DA MANCHA DA LUA



Nos tempos passados havia só o Lua e a Sol. O Lua era um homem, e a Sol, uma mulher. A Sol era a menina mais bonita do céu, ôsu. O Lua, *iraka kanâtakisú*, sol da noite, era um homem que vivia sozinho. O lua só clareia à noite, por isso ele só andava à noite.

Certa vez ele pensou: "Preciso de alguém ao meu lado".

Ele só dormia dentro de casa, onde era bem escuro, e andava apenas em volta dela. E a Sol também: só andava em volta da própria casa, porque havia trabalhado muito e estava muito cansada.

Um dia, ao acordar, a Sol estava em cima, olhando pra ele. O Lua gostou da Sol e decidiu dormir na casa dela. Mas a Sol não sabia que o Lua era muito namorador.

Desse dia em diante, o Lua passou a ir todos os dias à casa da Sol, que era bem grande, para namorar. O Lua pensou: "Se existirmos só eu e a Sol, não terá brilho no céu. Tenho de fazer alguma coisa".

Toda vez que o Lua namorava a Sol, dela nasciam milhares de estrelas. Como namoravam todos os dias, nasceram milhares e milhares de estrelas, e a Sol começou a ficar brava com o Lua porque era muito trabalhoso ser mãe de tantas estrelinhas. No início, ela cuidava de suas estrelinhas dentro da casa, mas elas eram tantas que começaram a se espalhar pelo céu. Então, a Sol pensou: "Lua, você vai pagar muito caro por isso".

A Sol saiu da casa, pegou um machado de pedra e uma cuia e foi para o campo à procura de uma magabeira, *kadikisu*, que soltava um leite parecido com cola, que ela pretendia jogar na cara do Lua.

O Lua, que não sabia de nada, ia só de noite à casa da Sol. Então, ela se deitou no chão, colocou a cabaça bem atrás do pescoço e ficou à espera do Lua. Ela sabia que o Lua vinha toda noite, porque ele não podia sair durante o dia. Então pensou: "Vou fazer fogo aqui na porta para não errar e não desperdiçar o leite da mangabeira".

Assim, ela fez o fogo e esticou-se toda, ficando deitada de barriga para cima ao lado da porta.

Enquanto isso, o Lua pensava: "Que bom, hoje vou dormir com a Sol". Ele se arrumou, penteou o cabelo e saiu, e assim que chegou à casa da Sol disse:

– Posso me deitar com você?

– Claro! – respondeu a Sol.

Ela sabia que ele ia se deitar em cima dela. Então pegou a cuia de leite de mangabeira e jogou no rosto dele, que ficou todo manchado.

O Lua ficou bravo com a Sol. Até hoje, quando o Lua está cheio, pode-se ver a cara dele toda manchada. Desse dia em diante, ele não foi mais à casa da Sol, e assim não nasceram mais *iraka wêhalisu*, filhotes de Sol, as estrelas. E cada qual ficou no seu canto: o Lua, a Sol e as estrelas.

Eles deixaram de ser gente e, lá de cima, passaram a cuidar do mundo aqui embaixo. Eles nasceram para fazer esse trabalho.

A Sol, então, disse:

– Eu cuido do dia. Você, Lua, cuida da noite, para clarear um pouquinho. E vocês, pequeninos, vão ter de brilhar para o céu ficar bonitinho.

Nem as estrelas, nem o Lua, nem a Sol morreram – eles estão vivos... lá no céu.

Renê Kithãulu – Professor Indígena. Escritor, em "Irakisu – o menino criador", coordenação de Daniel Munduruku. Coleção Memória Ancestral do Povo Nambikwara. Editora Peirópolis, 2002.



Foto: divulgação/ Marcello Casati Jr

A INCRÍVEL NÃO DESAPARIÇÃO DOS BRASILEIROS EM UM MUNDO EM PANDEMIA

Kleyton Morais

Na edição de fevereiro da revista Xapuri, o Sindicato dos Bancários do Distrito Federal trouxe uma discussão sobre um novo vírus que havia deixado a China paralisada, sobre como seria a situação do SUS e quais seriam as perspectivas caso ele aqui chegasse. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou um estado de pandemia em relação ao novo coronavírus e a doença Covid-19. Agora, já temos um cenário no Brasil de rápido contágio, com a perspectiva de esgotamento do sistema sanitário nos próximos meses.

A falta de contato físico é o que existe hoje, em todo o mundo, para evitar a contaminação. Um dos grandes gargalos no nosso país é de fato promover o isolamento social em um cenário político em que o presidente desacredita dessas medidas, dizendo explicitamente que a economia é mais importante do que a vida humana. Outra grande dificuldade encontrada para a efetivação do isolamento social é que grande parte da população brasileira vive de trabalhos informais e de serviços prestados sem garantia contratual, então o isolamento zera a renda. Destaca-se que a previsão da OMS e da maioria dos governos mundiais é que não venceremos a pandemia neste ano.

Estima-se que o pico maior seja, no Brasil, ainda neste primeiro semestre, mas em todos os cenários a expectativa é de que aproximadamente 70% da população mundial será contaminada. O que se espera, com as medidas de isolamento social, é que menos pessoas sejam contaminadas ao mesmo

tempo, ou seja, que haja o achatamento da curva, o que evitaria uma sobrecarga ao sistema de saúde. Se for possível atender a todos que precisem de respiradores, por exemplo, haverá menos mortes. O que ocorre na Itália hoje é que a falta de equipamentos médicos exige que os profissionais de saúde tenham que escolher em quem colocar os aparelhos disponíveis, acarretando mortes que talvez pudessem ser evitadas.

Tal perspectiva reacendeu no Brasil a discussão sobre a renda mínima universal. A renda mínima garante uma quantia mensal para todos os cidadãos de um país, em detrimento de políticas mais focalizadas, como é o Bolsa Família ou o auxílio emergencial aprovado há pouco pelo governo. Os defensores de políticas universais defendem que esse tipo de auxílio não deveria ser emergencial, mas de fato um direito. Os argumentos variam para a fonte de recursos, como a taxa de grandes fortunas, de grandes heranças, renda proporcional dos milionários, bem como o retorno da taxa de dividendos recebidos de empresas.

A chamada medida emergencial aprovada pelo governo e que teve a iniciativa dos deputados federais, oferece um pequeno alívio financeiro aos trabalhadores mais afetados pelo covid-19. A estimativa é que o benefício possa atingir 100 milhões de cidadãos: os beneficiários do Bolsa Família, os já inscritos no Cadastro Único Federal, os trabalhadores informais e os Microempreendedores individuais (MEI) que

tenham renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo ou três salários mínimos no total. Até o fechamento deste artigo, quase 30 milhões de brasileiros já haviam se cadastrado.

Uma inovação institucional importante é que mães de família que sejam monoparentais podem receber duas parcelas do benefício, que é de R\$ 600 mensais pelo período de três meses, podendo ser prorrogado. As famílias beneficiárias do Bolsa Família podem optar pelo benefício emergencial nesse período. O aplicativo foi criado pela Caixa Econômica Federal e permite o cadastramento e recebimento sem deslocamento até os bancos. Quem não tiver conta em banco poderá criar uma, livre de taxas ou outros custos, também na Caixa, e a expectativa é de que até 30 milhões de pessoas o façam. Um acordo do governo com a Febraban garante que o dinheiro depositado não será usado para cobrir pendências anteriores.

A iniciativa, que demorou a ser sancionada, é uma vitória para a população, mas não resolve o problema conjuntural e estrutural de desigualdade profunda da sociedade brasileira. Aliás, o isolamento social torna evidentes essas desigualdades, trazendo incômodo para toda a sociedade. As populações pobres, incluindo indígenas e quilombolas, precisam de medidas diferentes para enfrentar a pandemia, medidas que atendam a sua realidade específica, medidas de proteção social e socioambientais. O que a população precisa é de um conjunto de ações estruturadas em várias frentes. Mais uma vez, o apoio da sociedade civil em campanhas solidárias pode ser um recurso decisivo. Como a resposta das favelas tem mostrado, a principal saída para combater o coronavírus hoje vem de baixo para cima, a partir de iniciativas da sociedade civil ou do ativismo.

O Sindicato dos trabalhadores de estabelecimentos bancários do DF lança o projeto Campanha de solidariedade bancária de combate ao corona. O objetivo é mobilizar, sensibilizar e promover medidas de enfrentamento aos efeitos sociais do Covid-19, com o desafio de transformar o paradigma de valores na sociedade. Foca-se no incentivo a ações humanitárias, acreditando-se que a emoção da solidariedade possa desencadear um exercício pedagógico capaz de superar o individualismo, sensibilizando e ampliando os gestos solidários, enquanto prática e compromisso diários.

O movimento consiste na criação de um fundo que financiará a aquisição de suprimentos básicos, capazes de garantir segurança alimentar e proteção à exposição ao coronavírus, visto que a medida permite o cumprimento em segurança da quarentena e do isolamento social, cruciais à proteção de toda a sociedade.

O Sindicato conchama bancárias e bancários, sócios e ainda não sócios, e sociedade em geral, a

exemplo da feliz campanha do Betinho "Quem tem fome, tem pressa", a doarem valores cujo parâmetro corresponde a um dia do vale-refeição, ou seja, R\$ 36,69, uma conquista histórica e assegurada nos acordos coletivos e na convenção da categoria.

Além da abordagem direta, ligando para cada bancária e bancário, a ideia é expandir a publicidade para toda a comunidade. A Campanha arrecadará recursos com o objetivo de promover ações de atendimento coletivo: apoiar entidades ou pessoas por meio da destinação ou entrega de gêneros alimentícios t ou processados; mobilizar, com máxima segurança, brigadas de solidariedade, grupos de voluntários na categoria, dirigentes sindicais e funcionários, de maneira a processar alimentos e distribuir às pessoas e comunidades em situação de vulnerabilidade, com sugestões de beneficiários a partir da comunidade bancária. A solidariedade social é importantíssima neste momento, para não entrarmos em colapso enquanto sociedade.

Como doar

Para participar e fazer parte desta importantíssima ação você poderá, conforme sua capacidade e vontade de doação, transferir os valores correspondentes ao parâmetro do vale-refeição para a conta de titularidade do Sindicato dos Bancários de Brasília (CNPJ 00.720.771/0001-53):

› Banco do Brasil (001)

Agência 0452-9
Conta corrente: 400.326-8

› Caixa Econômica Federal (104)

Agência 1057
Conta corrente 2.388-2 Op. 003

› Banco de Brasília (070)

Agência 208
Conta corrente 614.925-0

› Sicoob (756)

Agência 4001
Conta corrente 109.179-4



Kleyton Morais - Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.





QUEM SEGURA UM ESCRAVO QUE SONHA COM A PRÓPRIA LIBERDADE?

Glória Moura

Os mais velhos sabem, porque ouviram seu avô contar.

São histórias daqueles primeiros tempos, contados pelo pai do seu avô e, antes dele, pelo avô de seu bisavô. Dizem que ali naquelas serras da Chapada dos Veadeiros havia uma mina chamada Boa Vista.

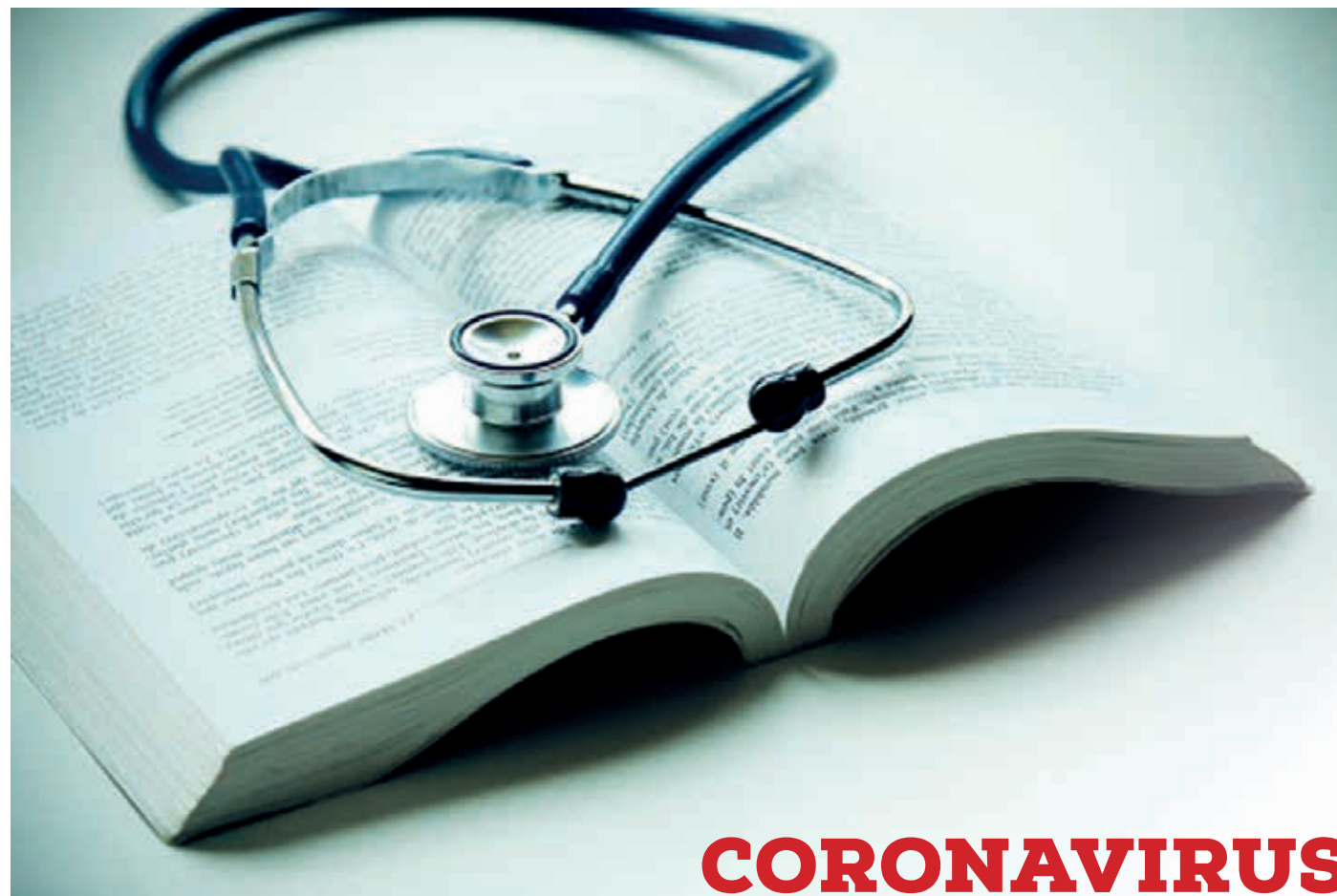
Ali os escravos trabalhavam de sol a sol, cavoucando as grapiaras para tirar aqueles montões de cascalho que depois eles lavavam nos regos que traziam a água dos rios e córregos, para separar o ouro.

Porque, como era de costume, por qualquer pequena falta que o escravo cometia, lá estava o senhor para aplicar-lhe os castigos. Eram presos no tronco pelos pés e pelas mãos. Amarrados no pelourinho, apanhavam com o chicote molhado que lanhava suas costas. E a palmatória cantava, batendo em suas mãos.

Os mais velhos ouviram até mesmo contar que, quando um escravo fugia e o senhor pegava de volta, costumava queimar os pés dele com gordura quente, para não poder mais fugir.

Mas quem segura um escravo que sonha com a própria liberdade? Por isso os escravos, apesar dos castigos, continuavam tentando fugir.

Glória Moura – Coordenadora do Projeto “Uma História do Povo Kalunga”, MEC, 2001.



CORONAVIRUS

OUÇA A VOZ DA EDUCAÇÃO, FIQUE EM CASA!

Bia de Lima

Nesse momento grave de enfrentamento de uma pandemia que nos coloca ante a maior crise humanitária dos últimos 100 anos, a Ciência, a Organização Mundial da Saúde e o próprio Ministério da Saúde recomendam o óbvio: para evitar o genocídio da população brasileira, em especial das pessoas pobres, negras, periféricas, indígenas e mulheres, fiquemos em casa.

Não importa o que diga o presidente do Brasil em sua postura equivocada de recomendar a reabertura das escolas, alegando que os/as mais afetados/as pela Covid-19, são as pessoas mais velhas, demonstrando total desprezo com a vida da população acima dos 60 anos, que ele condena à morte.

O presidente descarta todos os estudos apontados até o momento de que crianças, em sua maioria, são assintomáticas e transmissoras do vírus causador da doença, principal fator pelo qual devem ficar afastadas. Sim, nós sabemos que perder praticamente metade de um ano letivo não é uma coisa boa, na verdade é péssimo. Mas, pela vida das pessoas que amamos, é hora de ficar em casa.

Ao contrário do presidente que, segundo o líder indígena Davi Kopenawa, do povo Yanomami, é uma xauara ou seja, uma pessoa que tem o pensamento adoecido, o SINTEGO cerra fileiras com o esforço mundial que vem sendo feito para manter o distanciamento social, única medida eficaz e comprovada no combate à pandemia do Coronavírus.

Essa recomendação vale especialmente para o nosso estado, onde o Governo de Goiás, por meio do decreto 9.633/2020, publicou no Diário Oficial do Estado no dia 26 de março, um suplemento com mudanças nas regras de quarentena, que vigora em decorrência da pandemia do Coronavírus.

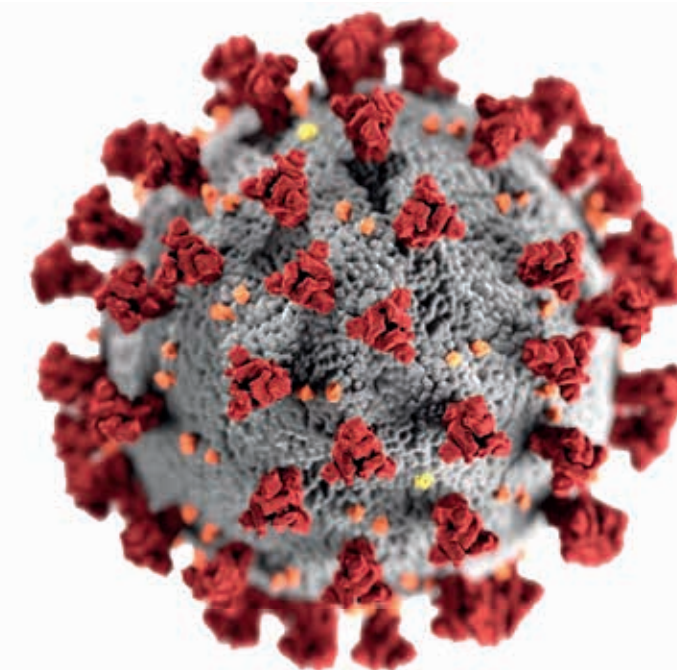
Conforme o documento, ficam liberados o andamento de obras de construção civil relacionadas a energia elétrica, saneamento básico, hospitalares, obras do sistema socioeducativo, de infraestrutura do poder público e aquelas de interesse social, bem como os estabelecimentos comerciais e industriais que lhes forneçam os respectivos insumos.

Também fica permitido o funcionamento de borracharias, oficinas, restaurantes e lanchonetes em rodovias, e a hospedagem de pessoas que atuem na prestação de serviços públicos ou atividades privadas consideradas essenciais.

Ou seja, os/as trabalhadores/as da Educação devem permanecer em casa.

O SINTEGO orienta aos/as profissionais que não se precipitem em sair de suas residências antes do prazo pré-determinado para a volta às aulas. Sabemos da gravidade e da seriedade do momento, porém, prezamos pela saúde e bem estar de cada servidor/a da categoria.

A direção do sindicato segue atenta a todas as questões referentes à Educação, vigilante com as medidas tomadas pelo Governo e fazendo a sua parte, nos cuidados e prevenção contra as contaminações pela Covid-19. Agradeço a cada qual de vocês que está em casa, protegendo sua saúde, a saúde de seus familiares e de todas as pessoas de nossa comunidade.



#FiqueEmCasa

#SintegoNaLuta



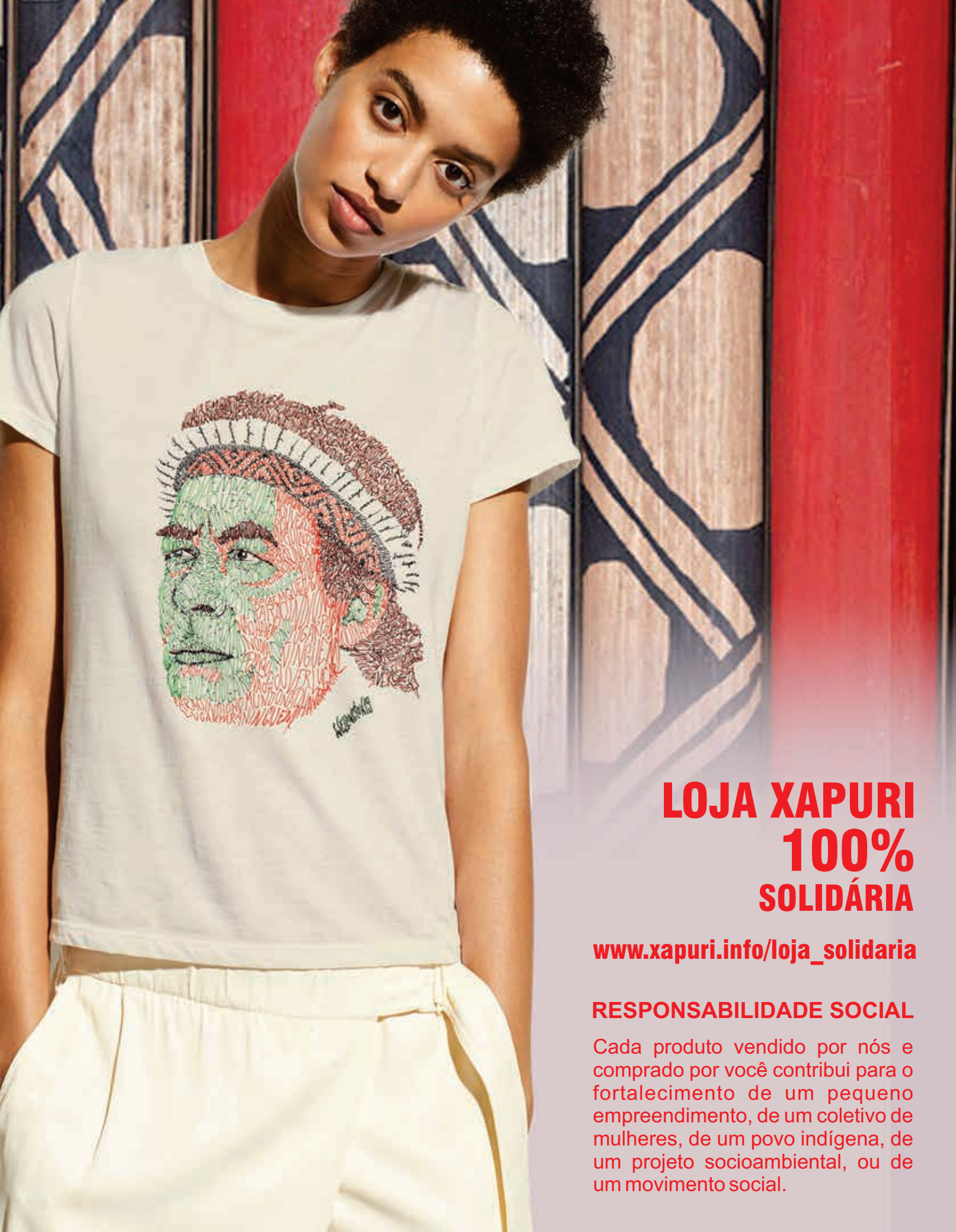
Bia de Lima – Presidenta do SINTEGO e da CUT-GO.



Filiado á:



Brasil



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja_solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



Foto: divulgação

HORA DE PARAR DE VENDER O AMANHÃ

Ailton Krenak

Parei de andar mundo afora, suspendi compromissos.

Estou com minha família na aldeia Krenak, no Médio Rio Doce. Já estávamos aqui de luto com o nosso Rio Doce. Não imaginava que o mundo faria esse luto conosco.

Está todo mundo parado. Todo mundo.

Quando os engenheiros me disseram que iam usar a engenharia, a tecnologia para recuperar o Rio Doce, perguntaram a minha opinião. Eu disse: minha sugestão é impossível de colocar em prática, pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a 100 quilômetros da margem esquerda e da margem direita até que o Rio Doce volte a ter vida. O engenheiro me disse: "Mas isso é impossível, o mundo não pode parar".

E o mundo parou. Desde muito tempo, a minha comunhão com tudo o que chamam de

natureza é experiência que não vejo muita gente que vive na cidade valorizando. Já vi pessoas me ridicularizando – ele conversa com árvore, abraça árvore, conversa com o rio, contempla a montanha – como se isso fosse uma espécie de alienação.

Essa é minha experiência de vida. Se é alienação, sou alienado no sentido comum do que pensam as pessoas. Há muito tempo não programo atividades para depois. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã.



Ailton Krenak
– Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.

CORONAVÍRUS: AUTODEFESA DA PRÓPRIA TERRA

Leonardo Boff

A pandemia do coronavírus nos revela que o modo como habitamos a Casa Comum é nocivo à sua natureza.

A lição que nos transmite soa: é imperioso reformatar nossa forma de viver sobre ela, enquanto planeta vivo. Ela nos está alertando que assim como estamos nos comportando não podemos continuar. Caso contrário, a própria Terra irá se livrar de nós, seres excessivamente agressivos e maléficos ao sistema-vida.

Nesse momento, face ao fato de estarmos no meio da primeira guerra global, é importante conscientizar nossa relação para com a nossa Casa Comum e a responsabilidade que temos pelo destino comum Terra Viva-Humanidade.

Acompanhem-me neste raciocínio: o universo existe há 13,7 bilhões de anos. A Terra há 4,4 bilhões. A vida há 3,8 bilhões. O ser humano há 7-8 milhões. Nós, o *homo sapiens/demens* atual há 100 mil anos.

Todos somos formados com os mesmos elementos físico-químicos (cerca de 100) que se formaram, como numa fornalha, no interior das grandes estrelas vermelhas, por 2-3 bilhões de anos (portanto há 10-12 bilhões de anos): o universo, a Terra e nós mesmos.

A vida, provavelmente, irrompeu a partir de uma bactéria originária, mãe de todos os viventes. Acompanhou-a um número inimaginável de micro-organismos. Diz-nos Edward O. Wilson, talvez o maior biólogo vivo: só num grama de terra vivem cerca de 10 bilhões de bactérias de até 6 mil espécies diferentes (*A criação: como salvar a vida na Terra, 2008, p. 26*).

Imaginemos a quantidade incontável desses micro-organismos, em toda a Terra, sendo que somente 5% da vida é visível e 95%, invisível: o reino das bactérias, fungos e vírus.

Acompanhem-me ainda: hoje é tido como um dado científico, depois de 2002, quando James Lovelock e sua equipe demonstraram perante uma comunidade científica de milhares de cientistas na Holanda, que a Terra não só possui vida sobre ela. Ela mesma é viva.

Emerge como um Ente vivo, não no sentido de um organismo ou um animal, senão de um sistema que regula os elementos físico-químicos e ecológicos, como fazem os demais organismos vivos, de tal forma que se mantém vivo e continua a produzir uma miríade de formas de vida. Chamaram-na de Gaia.

Outro dado que muda nossa percepção da realidade: na perspectiva dos astronautas seja da Lua seja das naves espaciais, assim testemunharam muitos deles, não vigora uma distinção entre Terra e Humanidade. Ambos formam uma única e complexa entidade. Conseguiu-se fazer uma foto da Terra, antes de ela penetrar no espaço sideral, fora do sistema solar: aí ela aparece, no dizer do cosmólogo Carl Sagan, apenas como "um pálido ponto azul".

Pois nós estamos dentro deste pálido ponto azul, como aquela porção dela, que num momento de alta complexidade, começou a sentir, a pensar, a amar e a perceber-se parte de um Todo maior. Portanto, nós, homens e mulheres, somos Terra, somos *húmus* (terra fértil), o Adam bíblico (terra arável) inteligente e amante.

Ocorre que nós, esquecendo que somos uma porção da própria Terra, começamos a saquear suas riquezas no solo, no subsolo, no ar, no mar e em todas as partes. Buscava-se realizar um projeto ousado de acumular o mais possível bens materiais para o desfrute humano, na verdade, para a subporção poderosa e já rica da humanidade.

Em função desse propósito se criou a ciência e a técnica. Atacando a Terra, atacamos a nós mesmos que somos Terra. Levou-se tão longe a cobiça deste grupo pequeno de gente que ela atualmente se sente exaurida a ponto de terem sido tocados seus limites intransponíveis.

É o que chamamos tecnicamente de a Sobrecarga da Terra (*The Earth Overshoot*). Tiramos dela mais do que ela pode dar. Ela não consegue repor o que lhe subtraímos. Então dá sinais de que adoeceu, perdeu seu equilíbrio dinâmico, aquecendo-se de forma crescente, formando tufões e tsunamis, nevascas nunca dantes vistas, estiagens prolongadas e inundações aterradoras. Mais ainda: liberou micro-organismos como a SARS, o ebola, a dengue, a chikungunya e agora o coronavírus.

São formas das mais primitivas de vida, quase no nível de nanopartículas, só detectáveis sob potentes microscópios eletrônicos. E podem dizimar o ser mais complexo que ela produziu e que é parte de si mesma, o ser humano, homem e mulher, pouco importa seu nível social.

Até agora o coronavírus não pôde ser destruído, apenas impedido de se propagar. Mas está aí produzindo uma desestabilização geral na sociedade, na economia, na política, na saúde, nos costumes, na escala de valores estabelecidos.

De repente, acordamos, assustados e perplexos: esta porção da Terra que somos nós pode desaparecer. Em outras palavras, a própria Terra se defende contra a parte rebelada e doentia dela mesma. Pode sentir-se obrigada a fazer uma ablação, como fazemos de uma perna necrosada. Só que, desta vez, é toda esta porção tida por inteligente e amante que a Terra não quer mais que lhe pertença e acabe eliminando-a.

E assim será o fim dessa espécie de vida que, com sua singularidade, é uma entre milhões de outras existentes, também partes da Terra, que continuará girando ao redor do sol, empobrecida, até que ela faça surgir outro ser que também é expressão dela, capaz de sensibilidade, de inteligência e de amor. Novamente se irá percorrer um longo caminho de moldagem da Casa Comum, com outras formas de convivência, esperamos, melhores que aquela que nós moldamos.

Seremos capazes de captar o sinal que o coronavírus nos está passando ou con tinuaremos com o mesmo propósito letal, ferindo a Terra e nos autoferindo para acumular irracionalmente bens materiais?



Leonardo Boff – Teólogo. Escritor, autor de "Cuidar da Terra – proteger a vida: como escapar do fim do mundo", Record 2010.



Pintura: Lady Lilith (1866-1868) - Dante Gabriel Rossetti

LILITH:

A FEMINISTA PRIMEIRA...

e o desafio histórico-cultural recorrente à figura masculina de criação e seu culto (do cristão ao pagão).

Iêda Vilas-Bôas – Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno

Confusamente, o livro mais antigo do mundo coloca a primeira mulher do Paraíso em páginas arrancadas e frases inacabadas. Mas sua face é plural: em diversas culturas, foi vista como a Deusa-Mãe, como Gaia, como a primeira esposa do Deus vigente, também era vista como um demônio, no sentido anticristão. Era o polo feminino do Paraíso.

Trazia forjado, em si, um temperamento rebelde e nada submisso, que desafia, desde sua criação do barro, à figura masculina que pregava a criação pela luz. Recusou-se a se deitar com Adão de forma submissa e desafiou o próprio Criador falando em alta voz seu real nome; criando-se alada e abandonando o que seria o Paraíso – razão para Deus ter criado Eva como parte carnalmente complementar a Adão, e não igualitária, do próprio barro.

Ou, em outras histórias mais, e dizem os babilônicos que, por não aceitar a presença de Eva, ela se retirou e criou um paraíso paralelo. Um lugar cheio de vida, de seres naturais e sobrenaturais, de verde, de matas e rios, e passou a ser chamada como mãe de todos: a deusa do sagrado feminino e da fertilidade. A que se apoderou da luz divina. Mas, contos e contos depois, com o correr dos tempos se tornou tão sagrada que tomou a resignificação e identificação com o poder e a independência feminina em vez das suas atribuições originais. Para a Deusa, a força lunar: de encher, inovar, minuar, crescer ou até escurecer.

Lilith pode ser conhecida por várias denominações: Lili, Lilu e Lilith. Sincretizada também como Ísis no Egito, Astarte em Canaã, Dianna em Roma, e por aí segue o sagrado multifacetado feminino. Seus primeiros registros vieram da Suméria e da Babilônia. Temos registro da famosa imagem de Lilith com pés de coruja e asas que vem desse período babilônico. A estátua é de 2004 a.C. até 1750 a.C e engloba o governo do famoso imperador Hamurabi, criador do primeiro código de leis de que temos notícia. A figura foi identificada com Lilith com base em textos e outras obras do período.

A deusa Lilith foi simbolizada com elementos como a coruja e com uma coroa, símbolo visível de seres divinos ou demoníacos. Ainda não havia essa classificação do bem e do mal que nos legou o Cristianismo. Naquele

tempo, alguns ainda tinham a crença de que seria divino por então existir uma relação de equilíbrio entre as ações desses seres, e que um não vigora sem o outro. De forma que acabaram, por estarem numa região desértica, colocando Lilith como uma das representações demoníacas do deserto, relacionada à morte.

A fama de Lilith permanecia. Para uns, a mãe, a sementeira, a dona da vida; para outros, demoníaca e perigosa, a devoradora de vidas. Sua fama correu longe, pois entre 400 d.C e 800 d.C., coincidindo com o período de islamização da região, o que mostra que mesmo mil anos depois, a crença nesses seres ainda era corrente, foi encontrada uma série de tigelas, provavelmente de uso mágico, com desenhos e orações inscritos, com representações de Lilith e que, certamente, eram usadas para afastá-la.

Essas ideias do mal que habitam o deserto influenciaram a visão judaica de Lilith, que depois povoou a mente dos cristãos na Idade Média. Não existem referências claras a Lilith nem na Bíblia nem no Torah, mas ela é citada em alguns trechos do Talmud, que reunia o conjunto das Leis Judaicas sob o aspecto da ética e teologia e influenciaram o judaísmo rabinico na Europa.

No Talmud, segundo consta em pesquisas, é onde aparecem as citações da primeira mulher como uma criação direta de Deus, assim como Adão, que depois seria expulsa do Jardim do Éden (seria a própria serpente, alada, depois de corromper o casal criado de barro e costela, tomando suas asas para voar até o Mar Vermelho) e se tornaria uma pária.

No Zohar, um importante texto cabalístico hebreu apoia essa ideia e cita Lilith como a criação humana, juntamente de Adão, com o mesmo valor e importância. O livro chamado O Alfabeto de Ben-Sirá, de tom satírico, produzido por rabinos e intelectuais judeus, cita Lilith oficialmente por não querer ser submissa a Adão, inclusive ao ficar por baixo na posição sexual.

É claro que os machistas veteranos e aspirantes dão à fuga de Lilith do Paraíso como uma piada e advertência: ao se recusar a cumprir ordens masculinas, a mulher deveria sofrer o exílio e a humilhação. Infelizmente, ainda há uma réstia desse pensamento enraizado na cabeça de muita gente por aqui e aí; Entretanto, a cultura letrada da Idade Média e dos séculos seguintes, cultuaram a ideia da Lilith como a primeira mulher, uma mulher decidida, forte e corajosa, nossa primeira feminista.

São muitas histórias a respeito da luta de Lilith contra o patriarcado e machismo imposto por Deus, Adão, Abraão e muito também foi poetizado e romantizado a respeito da deusa Lilith como forma do empoderamento feminino nos antros sagrados. Lilith é a metáfora mais antiga e ainda assim mais clara do poder, e poder se empoderar do feminino, e representa o fortalecimento dos direitos das mulheres de desenvolver a equidade de gênero, pensando no equilíbrio cósmico que necessita do polo passivo e do polo ativo.

Nos anos 1960, com a influência dos movimentos feministas, a figura de Lilith e seu papel foram revistos por parte das mulheres da comunidade judaica. Finalmente a deusa Lilith começa a ser entendida e respeitada como um símbolo de luta contra o patriarcado e sua imagem de subversão feminina passa a ter muita influência no universo feminino. Também se apropriam do mito os movimentos neopagãos em oposição aos dogmas do cristianismo.

Para estudiosos e teólogos, a mulher era vista como o homem incompleto, por ter órgãos genitais internos, pela gravidez, pela amamentação, pela menstruação. Enfim, a mulher era e ainda é um mistério, para alguns essa incompletude da mulher a colocava na condição de ser um homem defeituoso. Muitos não consideram e talvez nunca considerem que a mulher é plena em si mesma, perfeita enquanto ser. Essa é a maior virtude de Lilith: ressaltar a plenitude feminina, mostrar que o sagrado feminino é indivisível, é uno e completo em suas diferenças. Independente.

Entendemos e apoiamos que, a despeito do que religiões judaico-cristãs dizem, Lilith é uma deusa que representa a força feminina e tem poder sobre os ventos, as tempestades, a escuridão, a sedução, a vida. Ela representa a mulher livre, de opinião formada em suas experiências e raízes, que não se limita a hábitos e atitudes convencionais.

Lilith não se sujeita às expectativas sociais. Dona de si, liberta como libélula voando depois de breve chuva, vive de acordo com os seus desejos mais exóticos e exuberantes. Lilith até mesmo no escuro, por ser coruja, traz consigo a inteligência da raposa e a tenacidade e poder de adaptação da serpente. É coração: sentimento que se opõe à força, que também machista, é devida e dada ao homem.

Lilith não é feroz feminista, ela não faz exclusão do masculino. Sem preconceitos, cuida de despertar na consciência humana a importância do amor, em suas mais variadas formas. Para a deusa toda forma de vida faz parte de um todo, inclusive o ser humano, homem e mulher, que transmutam energias. Todas as mulheres podem ter a proteção dessa deusa e também os homens, pois a feminilidade está na alma – é natural.

Normalmente, dizem que todos os protegidos por Lilith são pessoas bonitas e atraentes, porém, estamos tratando de um terreno fluidico, onde a beleza física é um atributo carnal e não espiritual. A verdadeira essência de Lilith nos traz o resgate da consciência espiritual que nos reconecta com o sagrado feminino (um ser completo e único), envolvendo-nos numa atmosfera de amor, equilíbrio, independência e transcendência!

Salve, Deusa Lilith!



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.



Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno – Escritor.

MANIFESTO PELA VIDA

O momento pelo qual o país e o mundo passam exige de todos nós um grito de coragem! A gravidade da pandemia do coronavírus clama por solidariedade de todos/as. A CNTE lançou o **Manifesto pela Vida** em que as educadoras e os educadores do Brasil vêm a público defender a vida humana, imbuídos do mais profundo sentimento de altruísmo. Fazemos de nossa voz o ruído estrondoso das grandes multidões esquecidas, desamparadas e invisíveis.

Aponte a Câmera para o QRCODE e leia o documento na íntegra



#fiqueemcasa



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEN COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL R\$ **225**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL R\$ **270**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE